

Guia MILLOP da filosofia

O livre pensar





Guia
MILLOR
da filosofia

Guia MILLORE da filosofia

O livre pensar



© 2016 Ivan Rubino Fernandes

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 2104-2235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8312/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F41g Fernandes, Millôr.

Guia Millôr da filosofia : o livre pensar / Millôr Fernandes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2016..
il.

ISBN: 978.85.209.4059-4

1. Filosofia. 2. Pensamento. I. Título.

CDD 100

CDU 1

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Apresentação](#)

[A ideia](#)

[O tempo não existe. Só existe o passar do tempo.](#)

[A emocionante disputa palavra x imagem](#)

[O sexo que nós perdemos](#)

[Canto do homem novo](#)

[Homo faber, sapiens, ludens](#)

[Colofão](#)

Apresentação

Millôr, humor pensador

Millôr se recusou a usar o cinto de segurança nos carros. Nem mesmo enquanto pôde dirigir. Escrevera bastante na esperança de influir contra a aprovação do cinto. E se indignou, quando derrotado. Mas não foi por pirraça que resistiu à lei. Foi pelo princípio filosófico de que a autoridade do Estado não poderia sobrepor-se ao direito de decidir, ele mesmo, sobre a proteção e a integridade do próprio corpo. Com ele como carona, dirigi mais de olho nos guardas do que no trânsito.

A referência ao cinto parece simplória, mas por isso mesmo se presta tão bem a exemplificar a natureza intelectual e ética que Millôr mantinha em exercício ininterrupto. Ou quase. O convívio com ele dava, mais do que a impressão, a certeza de que, exceto nos sentimentos afetivos — e suas manifestações — e na criação gráfica, Millôr era uma organização biológica toda voltada para a geração de reflexões sucessivas e variedade temática sem limites.

Millôr sair do mar com uma reflexão original, no sentido e no tema inesperado — outro exemplo prosaico —, para nós, do pequeno grupo de conversa praieira, logo passou de uma excentricidade a fato constante, comum, por mais que não o fosse. Mas como e por que poderia dar-se esta coisa tão especial, a meio da delícia de uns quantos mergulhos, que é uma reflexão tão distante desse momento lúdico, e no entanto lúcida, lógica, brilhante? Mistério. Ou melhor: Millôr.

Nada disso exigia concentração alguma. Os conceitos, as sentenças, as ideias novas saíam com tal naturalidade, de modo tão simples e aparentemente fácil,

que era como se negassem vir de uma reflexão. Isso se explica: em Millôr, a reflexão e externá-la já como conclusão eram concomitantes. Velozes, davam-se na mesma fração de tempo, em frases acabadas na ideia e na forma. Quase sempre na sua fusão típica de seriedade e humor, ou ironia. A combinação que Millôr não conseguia evitar: esteve nele como o próprio cérebro.

Tão autêntica e espontânea era essa combinação, que não precisava de palavras para realizar-se. O expresso em palavras transpôs-se, pelo talento do desenhista, para o traço e a cor de uma obra peculiaríssima e fascinante. Millôr fez o desenho pensante.

Escrevi para a edição comemorativa dos quarenta anos da revista *Pif-Paf*, criada por Millôr e de curta existência, a apresentação, cuja última frase diz: “há 50 anos eu conheço um gênio”. Quando chegou a esta frase, Millôr, que lera impassível até ali, fez uma fisionomia de susto, de perplexidade. Calado. Até que balbuciou, para si mesmo: “Um gênio?!...”

Mas era a minha vez de ser definitivo, em uma reflexão de décadas.

Janio de Freitas

© Luiz Gravatá.



Millôr Fernandes e o fotógrafo Carlos Freire ao volante. Paris, 1998.

A ideia

A IDEIA

Nasce uma ideia. Pode ser engraçada, bonita, originalíssima, ou, o que é mais comum, parecida com mil outras. Nascendo, a ideia cresce. E tende a surpreender. O que se esperava que fosse uma ideia com grandes possibilidades de desenvolvimento torna-se uma ideia medíocre, sem a menor capacidade de alterar o mundo ou sequer de influenciar pessoas. Porém, uma ideia que nasceu idiota, precária, de pais analfabetos, de repente adquire importância, cultura, poder. Isso pode acontecer porque a ideia, ela própria, desenvolveu suas qualidades insuspeitadas ou porque foi adotada por intelectual influente, que, interessado por ela, apresenta-se a instituições importantes, coloca-a e usa-a em todos os locais de prestígio. São seres, as ideias, ah, são. Às vezes gregárias, aderem a outras ideias, funcionam em conjunto com elas, ajudam ideias maiores e mais importantes dando-lhes graça, ou força, ou simples apoio adjetivo. Outras vezes, ao contrário, tiram forças de outras ideias, se apoiam nelas para sua própria projeção e engrandecimento: ideias políticas. Algumas ideias vão longe, voltam falando línguas estrangeiras ou, mais comumente, vêm de longe, do distante do mundo ou do fundo do tempo, falando inglês ou latim, até que aprendem a língua local e atingem a glória. Como seres humanos, é. Dormem, às vezes, dormem muito tempo, amadurecem, ficam velhas, de cabelos brancos. Algumas vezes a velhice lhes dá sabedoria; outras as torna nitidamente senis, reacionárias; e, no entanto, não faz trinta anos!, eram ideias tão avançadas, tão pra frente, revolucionárias, chegaram a ser consideradas subversivas, foram proscritas.

Um dia, não um dia certo, como o ser humano, mais num dia vago que ninguém sabe qual foi, as ideias morrem. Só se sabe que morreram quando alguém lembra uma ideia, muito tempo esquecida, “Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz”, e percebe que, em volta, os mais jovens nem ouviram falar nela. Existiu mesmo, essa ideia? Onde foi usada? Em que época viveu?

Mas, diferentes dos seres, não se pode dizer que as ideias estão mortas para sempre. Pois muitas vezes elas renascem. Renascem mais fortes, adultas, dispostas a ir mais longe, porque têm mais experiência, mais vida, mais humanidade, estão muito mais usadas. Assim, mudadas, aprofundadas, prontas a

morrer de novo e ressuscitar de novo, frequentando os bares na dicção estropiada dos bêbados, perfeitamente articuladas na linguagem sempre vigiada dos intelectuais, popularizadas na conversa do ônibus repleto, reduzidas à sua expressão essencial nos monossílabos do surfista queimado de sol— elas caminham, as ideias, até o fim dos tempos.

Veja, 19 de janeiro de 1977

Poeminha com tremenda dúvida histórica



Sócrates, Horácio, Prometeu,
Platão, Newton, Galileu
Fofocavam também
Feito você e eu?

Veja, 23 de maio de 1979

METAFÍSICA DO CONHECIMENTO

O corte epistemológico —
já foi epistemológico
e agora é epidemológico—
sangra em tudo que é lógico.
O epistemologista sabe
que só sabe que não sabe,
pois conhecer o conhecimento
é achar que sopra é vento.
O epistemólogo diferencia
o que está do que é
e do que existe;
não é triste?
Não é fácil, no dia a dia,
comprar epistemologia:
não tem no supermercado
nem no banco que está ao seu lado.



Veja, 14 de maio de 1975

À SOMBRA DA METAFÍSICA EM FLOR

Há uma frase proverbial declarando que “O dinheiro não traz felicidade”. Verifique quanto dinheiro você tem na **Caderneta de Poupança**, olhe para sua mulher, gorda de perna fina, assistindo à televisão enquanto come mingau, pense nos milhões de Onassis olhando a mulher dele nua e magrinha sempre naquele mesmo lugar pra ser fotografada pras revistas, e faça o cálculo, à razão de 1 dólar a 6,70.

•

Você acha, como Einstein, que o universo é finito e que ou está em explosão permanente ou em permanente explosão, e isso lhe dá uma angústia existencial inaplacável, que só se disfarça nas mesas de um bar? Ou, ao contrário, você nem liga? Dê suas respostas a) segundo o racionalismo kantiano, b) segundo o anarquismo marcusiano, c) de acordo com o estruturalismo straussiano.

•

Se você tivesse que representar graficamente o **Eu-Absoluto**, como você o faria? A cores? Em preto e branco? Em movimento? Você acha que o **Eu-Absoluto** tem rabo? Cílios postiços? Usa peruca?

•

Há uma hora precisa para cada ser humano, com variações de minutos, mas sempre entre às 3h37 e 4h12 da madrugada, em que a alma corre o risco de se afogar. Asfixiada, ela estertora e, algumas vezes, não aguentando mais sozinha, acorda o corpo físico em que habita (em linguagem de umbanda, o seu **cavalo**). Qual é a tua hora? Você tem hora fixa? Você castiga o seu psíquico, passada a angústia? Ou, salva milagrosamente, tua alma salta pela janela, às gargalhadas?

•

Convidado por alguns amigos para um fim de semana, ao chegar à casa deles (luxuosíssima, você já esteve lá várias vezes) ela desapareceu. No terreno calcinado, a devastação visível de uma explosão nuclear. Você estremece de horror ante a visão apocalíptica, potenciada pelo horror do mistério, pois nada, nem ninguém, lhe falou de uma bomba atômica explodindo em Cabo Frio? Você constata, horripilado, que há mais mistérios entre o céu e a terra do que conhece

a tua filosofia? Você consegue refletir apenas um pensamento hediondo: “A que ponto de censura nós chegamos!”?

•

Você adora a vida **em si mesma**? Ou você prefere a **dinâmica existencial**? A morte tem **depois**? E a vida tem **antes**?

•

Você sabe que há fatos espirituais fora do nosso alcance. E psíquicos também. Como há seres tão infinitamente pequenos que dificilmente poderemos conhecê-los. Talvez seres tão grandes que, para eles, sejamos seres tão infinitamente pequenos que eles jamais poderão, um dia, conhecer e investigar. Como é que você se sente no meio disso, num domingo de sol, de manhã bem cedo, vendo passar uma mulher linda e pura, de sunga, com 18 anos?

•

Seu sentido de comunicação com os outros seres humanos é melhor nos domingos e feriados ou nos dias da semana? Seriamente: alguma vez você já conseguiu mesmo comunicar alguma coisa, qualquer coisa, por menor que seja, a alguém? Diz o quê. Um número de telefone, ao menos.

•

Quando você murmura a frase de Sartre: “O inferno são os outros”, você não coloca imediatamente essa frase na boca de uma terceira pessoa, o inferno, no caso, passando a ser você? E aí, como é que você se sente: infernal?, satânico?, diabólico? Ou apenas sucumbido?

Veja, 14 de novembro de 1973.

TUDO QUE EU APRENDI
JÁ ESQUECI, SÓ
LEMBRO AGORA
O QUE
NÃO SEI



IstoÉ, 14 de janeiro de 1987

**Sabedoria — se existe — é apenas
a capacidade de antecipar nossa
próxima besteira.**

IstoÉ, 28 de outubro de 1992

**A minha filosofia de vida é um
não sei o quê pra não sei como.**

IstoÉ, 27 de setembro de 1989

Mais dois poemeus escatológicos (nos dois sentidos)

A LÓGICA A METAFÍSICA



*A lógica é alobrógica
E não engole uma proposição
De que não saiba a intenção.
Assim, sempre anota
O fascismo do democrata.
Mas vota.*

*A intenção fundamental
Da metafísica hodierna
É provar, justamente,
Que não é eterna.
Donde a inanidade
De um ser temporal*

*Que se sabe venal.
E cuja atitude mais bacana
É dar banana.*

Veja, 3 de março de 1982

OS GREGOS



*Os gregos jogaram fora
Os coronéis e a feiura
E botaram a Melina
No lugar da Ditadura.
Mas poder não é araruta
Nunca esquecer que foi lá mesmo
Que Sócrates bebeu cicuta.*

Veja, 24 de fevereiro de 1982

A ÉTICA



*A função da ética
É eclética.
Seu objetivo maior
Sua ambição principal
É impedir que tudo vá de mal em pior
E vá de pior em mal.*

Veja, 24 de fevereiro de 1982

A ESTÉTICA



*A estética
Está cada vez
Mais escalafobética.
Pois o esteta já não
Quer mais saber de missão
Ou função
Mas só de promoção.*

Veja, 24 de fevereiro de 1982

TUDO É BESTEIRA!

Veja, 13 de junho de 1979

**Como é belo, simples e agradável quem não
pensa.**

IstoÉ, 27 de maio de 1992

**Etimologia: no Olimpo
ninguém pedia desculpas tão
bem quanto Apolo. Isso ficou
conhecido como apologia.**

Veja, 1 de fevereiro de 2006

DENDE FILOSOFARE

Ao apagar a luz
Pensei ter visto
A um canto
Um hipercognato
Coisa como um rato
Mas ao acender de novo
Verifiquei que era um semiabstrato
Uma conceituação vital menos profunda
Embora mais imunda
Botando a cabeça pelo cano
Quase subjetiva
Assim de tão esquiva
Um golpe de chinelo
Transmutou-a em matéria pura
Fétido monte de amarelo,
Sem ego, etos ou ambição.
E voltei tudo de novo à escuridão.



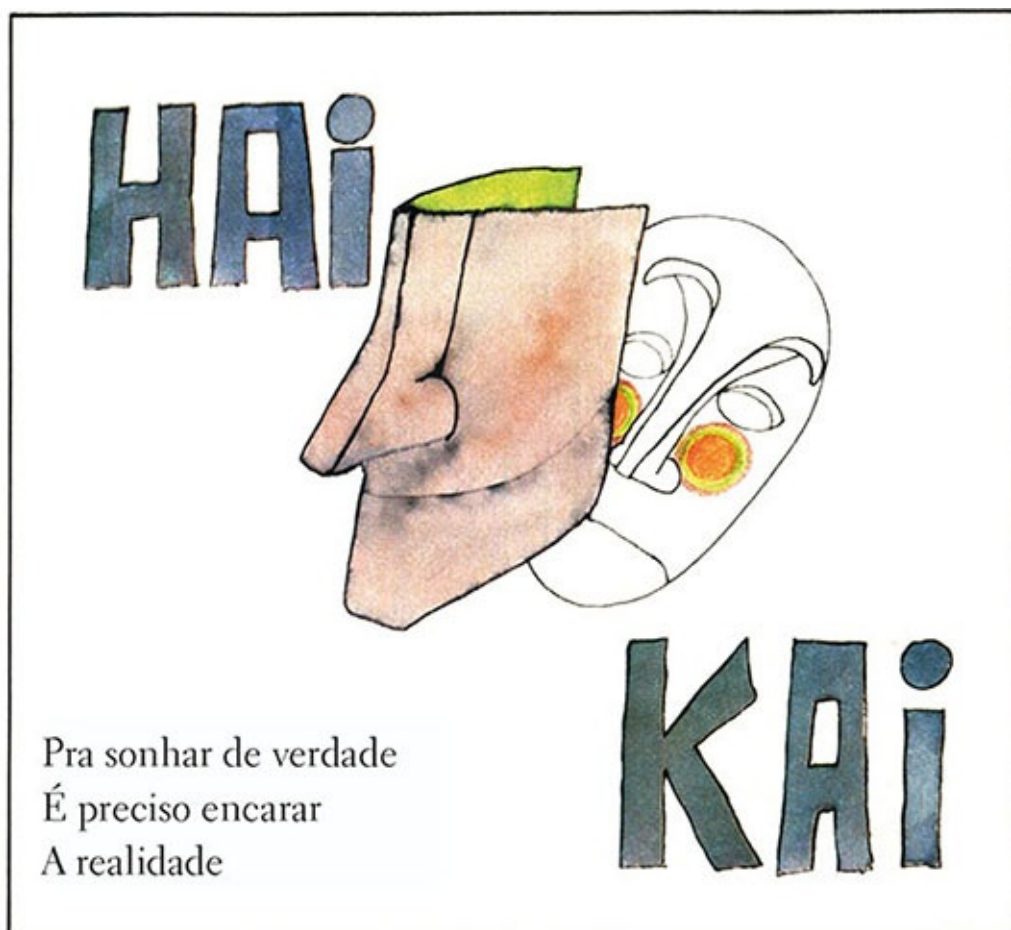
Veja, 14 de dezembro de 1972



Veja, 17 de maio de 1978



Istoé, 17 de maio de 1989



Veja, 23 de março de 1977

O tempo
não existe.
Só existe o
passar do
tempo.

I — A César o que é de César...

Meu velho amigo César Mansuelo Lattes, depois de dar uma tascada tamanho família no conhecido violinista Albert Einstein, resolveu, creio que por questão meramente estratégica, recuar para uma posição de segurança enquanto a galera o chama de maluco. Mas eu conheço o bicho desde 1948, desde os tempos de Berkeley — eu de férias, ele de cientista—, e sei que Lattes já está acostumado a ser chamado de maluco. Foi o mesmo quando ele descobriu o mésonpi (que o cineasta Alex Viany, então morando em Hollywood, e o cônsul de Los Angeles, um jovem poeta chamado Vinicius de Moraes, apelidaram de tesonpi, uma audácia!, na época) e projetou a bola de fogo. Por isso não acredito muito num recuo definitivo do grande cientista.

Além de confiar em Lattes, participo da tese de que o cientista não descobre nada. Inventar. As coisas nascem na cabeça do cientista e se confirmam na pesquisa, raramente o contrário. A natureza é tão rica de possibilidades que qualquer teoria está contida nela. Assim como qualquer estátua está contida num bloco de mármore. Basta cada um tirar o excesso e descobrir, lá dentro do bloco, a sua estátua. Naturalmente, o idiota que tentar fazer um cavalo de 3 metros num bloco de granito de 1 metro vai quebrar a cara. Mas eu sei que Lattes, teórico privilegiado, deve estar apenas com uma falta (ou excesso) de alguns centímetros de material. Einstein não perde por esperar.

Enquanto isso aproveito pra dar também a minha tascadinha num campo um pouco mais fluido, menos mensurável. Não, não vou me meter na Física (*honisoit...*), pois a Física só me interessa quando é muito bonitinha. Vou me meter em filosofias, ou melhor, em filosofadas. Quero dizer: nunca fui muito fã dos pronunciamentos político-sociais de Einstein, nunca entendi o boquiabrir-se diante de suas afirmações que a mim sempre me soaram como lugares-comuns filosóficos. Leia algumas dessas pérolas esparsas e me diga se você colocaria qualquer delas num azulejo na entrada de sua casa. Ou se, ao contrário, você concorda com o reverendo Ignatius Gannon que disse — em 1939, num simpósio em Nova York, quando Einstein propôs uma União Internacional de Intelectuais (*brainworkers*) com dois objetivos básicos: 1) segurança econômica

e 2) força política—, “O dr. Einstein é um exemplo da confusão mental que pretende combater”.

II — ...A Einstein o que é de Einstein...

“Estou profundamente convencido de que a riqueza do mundo não é capaz de solucionar o problema da humanidade mesmo nas mãos do mais devotado. O exemplo de caracteres grandes e puros é a única coisa capaz de produzir belas ideias e nobres feitos.”

The World as I See It, 1934.

•

“As comunidades tendem a se deixar guiar menos que os indivíduos pela consciência e pelo senso de responsabilidade. Isso é a causa das guerras e toda sorte de opressão que enchem a Terra de dores, gemidos e amarguras.”

Out of My Later Years, 1950.

•

[...]

•

“A imaginação é mais importante que o conhecimento.”

My Faith, 1945.

•

[...]

“Só uma vida vivida para os outros é digna de ser vivida.”

À juventude, 1932.

•

“Temos que admitir que não é possível planejar para a guerra e para a paz ao mesmo tempo.”

My Faith, 1945.

•

“A paz não pode ser conseguida pela força. Só pela compreensão.”

Notas sobre o pacifismo, 1960.

•

[...]

“O homem só encontra sentido na vida, curta e perigosa como ela é, devotando-se à sociedade.”

The World as I See It, 1934.

•

“Trabalhos recentes de E. Fermi e L. Szilard, que me foram comunicados ainda manuscritos, levam-me a pensar que o elemento urânio possa transformar-se numa nova fonte de energia em futuro imediato... Uma única bomba desse tipo, explodida num porto, será capaz de destruir o porto junto com todo território em volta dele...”

Carta a Roosevelt, 1939.

[...]

III — ...E ao Millôr, nada?

O que me importa mesmo nessa engronga toda sobre a Teoria da Relatividade — teoria que faz com que um cientista da PUC não consiga ver o mesmo que um cientista da Unicamp — é que nela o tempo assume tal importância que passa a ser uma quarta dimensão, trabalhando de parceria com as tradicionais: altura, largura e comprimento. Confundindo-se com o espaço para todo o sempre. Mas isso não tá certo, não.

Por isso, agora, daqui de minha cobertura de Ipanema, como Lattes antes de seu quintal de Campinas, segurando em meu gato enquanto ele lá segurava seu cachorro, grito também que Einstein falhou. Não chego a afirmar que ele é mau pai ou mau marido — se Lattes afirmou, deve ser — mas que entrou bem quando se meteu em minha seara, o tempo, ah, isso entrou. Por que eu nunca falei disso antes?

Bem, nunca tive o desejo de desmistificar Einstein nem seus antecessores Lorentz e Minkowski, com quem sempre mantive as melhores relações. Mas chegou o instante em que não posso mais calar. Correndo em defesa de César Lattes sou obrigado a repetir ao mundo em geral e à comunidade científica em particular o que antes só tinha revelado a uma amiguinha na mais pura intimidade: “Einstein está totalmente errado em sua teorização com respeito ao tempo.” E por um motivo muito simples, que constatei em cinquenta anos de estudo, isto é, de vida:



Veja, 13 de agosto de 1980

**Não falo do passado.
Isso é falar do presente
pelas costas.**

IstoÉ, 18 de dezembro de 1991

**O tempo é uma medida
arbitrária inventado pelos
suíços para medir o atraso
dos meus amigos.**

Veja, 27 de setembro de 1972

Poeminha Tic-Tac

Ontem
O mundo de amanhã seria novo
Hoje,
O mundo de amanhã já constatado
E antes
Que novos amanhã despontem
Há muitos que só pedem
O mundo de anteontem.



Veja, 27 de agosto de 1980

A infância não, a infância dura pouco.

**A juventude não, a juventude é
passageira. A velhice, sim: quando
um cara fica velho é pro resto da vida.**

Veja, 13 de junho de 1979

**Todo jovem pensa que
acabou de inventar a
juventude.**

IstoÉ, 22 de junho de 1988

*A vida é um saque
Que se faz no espaço
Entre o tic e o tac.*

HA! KAI!

*A vida é um saque
Que se faz no espaço
Entre o tic e o tac.*



Veja, 24 de novembro de 1982

É, RAPAZ, VOCÊ ESTÁ REALMENTE VELHO QUANDO...

I) ...não acredita mais em amor à primeira vista mas prefere nem pensar em amor à última vista.

**

II) ...acha que onze e meia já é madrugada.

**

III) ...as mulheres te fazem confissões sobre outros homens.

**

IV) ...diz menos “Vamos lá!” e muito mais “Não vale a pena”.

**

V) ...troca o cooper pelo massagista.

**

VI) ...uma mulher declara que vai te amar pelo resto da vida e você pensa (mas não diz): “Grande vantagem!”

**

VII) ...alguém, com a maior naturalidade te pega pelo braço ao atravessar a rua.

**

VIII) ...pensa em largar tudo e percebe que tudo já te largou há muito tempo.

**

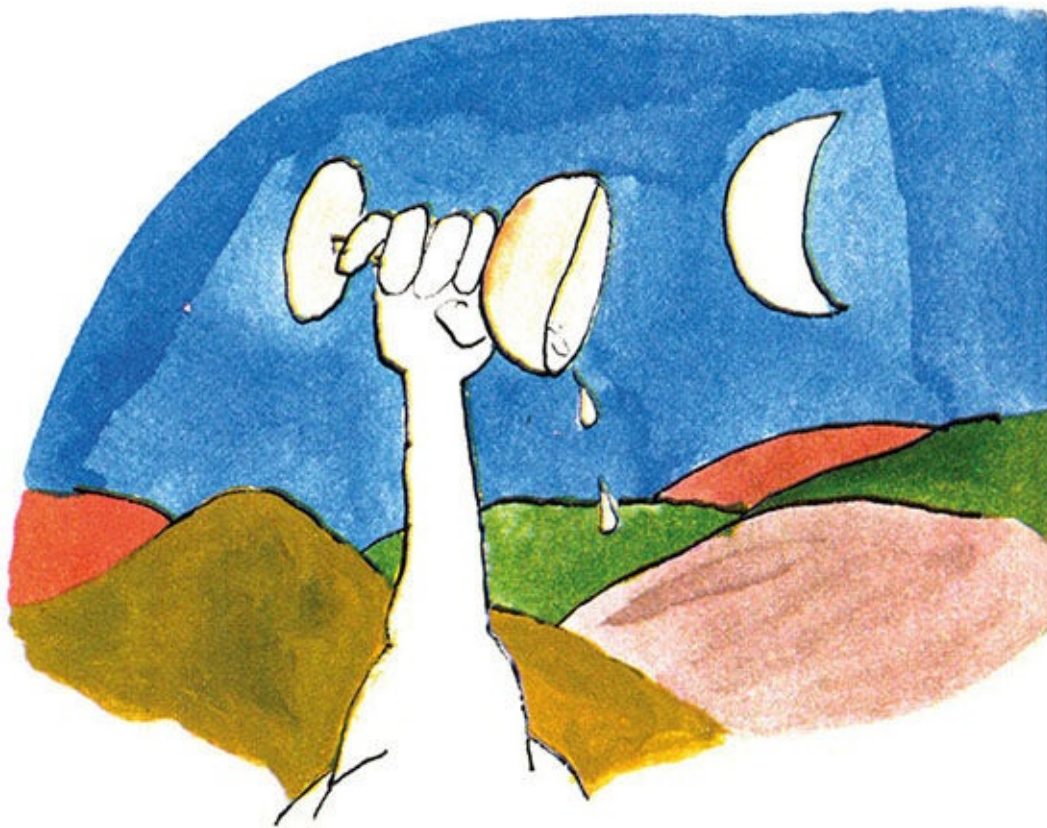
IX) ...verifica que quase todos os candidatos à Presidência são mais moços do que você.

**

X) ...todos os teus amigos já tiveram seus quinze minutos de glória (na capelinha do São João Batista).

IstoÉ, 16 de agosto de 1989

HAI-KAI



Goze.
Quem sabe essa
É a última dose?

Veja, 19 de janeiro de 1977

Imortalidade pra quê?

Há séculos que os homens sonham com a vida eterna e todo dia lá vem mais uma notícia de que se pode transplantar mais alguma coisa do corpo de alguém para o nosso corpo. Faz parte inseparável da conservação do ego nunca pensarmos no transplante contrário — algum órgão nosso no corpo dos outros. Cada vez mais a ciência promete afastar para bem longe o que não pretendemos mesmo decifrar — o derradeiro mistério. O fato é que, aos poucos, os bancos de dinheiro vão sendo imitados por bancos de sangue, de olhos, de pele, de órgãos, do escambau. Dentro em breve só morrerá quem quiser mesmo morrer; a morte será, perdão, volitiva, só acontecerá quando o ego (intransplantável) já estiver mesmo cheio deste vale de lágrimas, carestia, corrupção e mulheres ingratas.

Mas eu — nunca me lembrei de dizer, mas digo agora — não sou candidato a partes sobressalentes. Não me vejo — não quero me ver! — olhando pra baixo e reconhecendo o pé de um amigo, o antebraço de um ex-empregado e talvez mesmo, suprema humilhação, o membro viril de um antigo desafeto. Estremeço só de pensar na hipótese de vir a ser uma réplica humana de um carro de segunda mão. Velho sim, mas de peças tanto quanto possível originais.

E lamento também que, caso a ciência do transplante progrida como realmente os cientistas vivem anunciando, isso traga o fim da queixa, do queixume, da hipocondria em todas as suas formas, acabe com um dos maiores prazeres da humanidade: chorar de sua própria fraqueza, pedir pelo seu próprio desamparo. Porque nesse dia, quando você, depois de olhar com o canto do olho a sua velha companheira, se queixar pra ela que está com uma dor no peito, ou que ontem teve uma tonteira, ou que sente uma terrível pressão nos ouvidos, ela não vai mais sair correndo como antigamente, para tratá-lo com cuidados revivificadores. Possivelmente nem tirará os olhos da novela das 8, e dirá, fatalmente: “Eu já te falei: você tem que ir na retífica trocar esse baço.”

**Ainda não se descobriu
nenhum meio de evitar a
morte. Mas é cada vez mais
fácil evitar o nascimento.**

IstoÉ, 28 de fevereiro de 1990

**UMA DAS COISAS MAIS
IMPRESSIONANTES DO ATO
DE VIVER É QUE A MORTE É
COMPULSÓRIA E A VIDA NÃO.**

Veja, 23 de setembro de 1970

HAI-KAI



Probleminhas terrenos:
Quem vive mais
Morre menos?

Veja, 31 de maio de 1978

VIDA, PAIXÃO E CRISE DE JOÃO



Veja, 17 de fevereiro de 1971

A nostalgia não tem futuro.

IstoÉ, 28 de outubro de 1992

HAI-KAI

A ESTA HORA
E O DIA
INDA LÁ FORA.

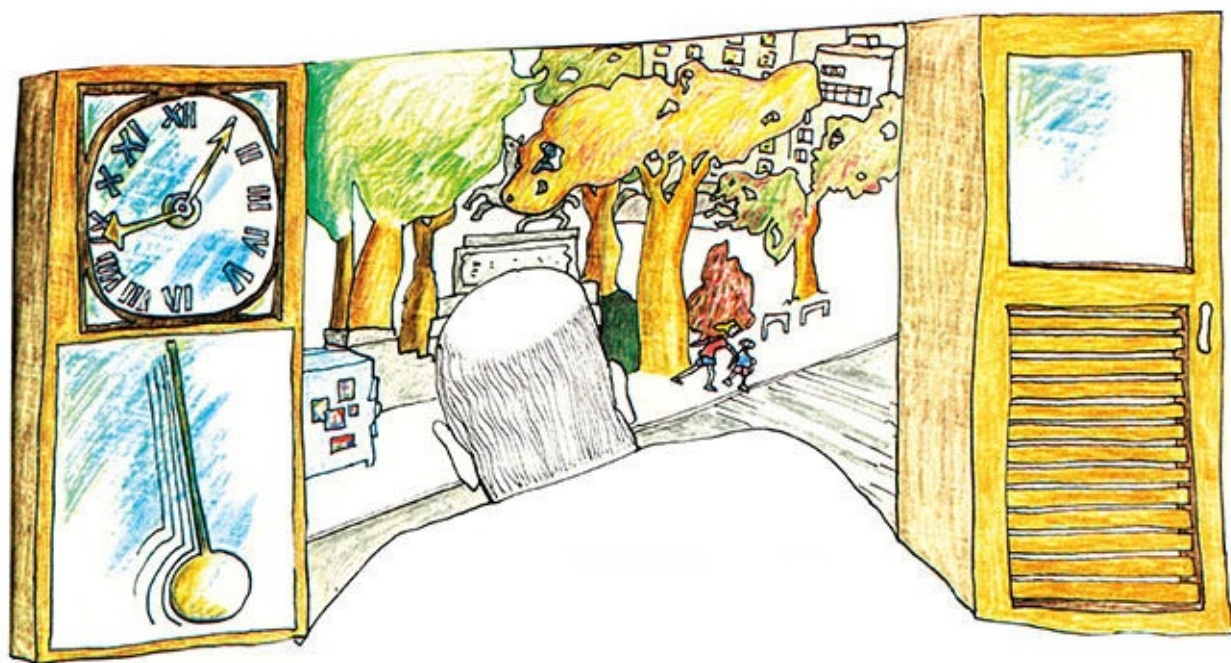


Veja, 13 de fevereiro de 1974

Cuidado!:
mais dia,
menos dia,
acaba o dia
a dia.

Veja, 31 de janeiro de 2007

Poeminha sem muita pressa



*Num pisar que mal se ouve
Num passar que mal se vê
Tictactictactictactictac
Um dia leva você*

Veja, 26 de novembro de 1980



O infinito é mais imenso do que a maior coisa que você já viu na vida. Fica muito mais pra lá e muito mais pra cá — e também pros lados — do que tudo que você e todos os seus conhecidos conhecem. Mas não adianta olhar pro infinito que você não vê, nem mesmo olhando pra baixo ou pra cima, porque o infinito não tem chão nem teto. No infinito você nunca chega a lugar nenhum mesmo que ande a vida inteira. De modo que o melhor que a gente faz, no infinito, é ficar por ali mesmo. Eu posso até estar dizendo um pecado, mas acho que o infinito é maior ainda do que o amor de mãe.

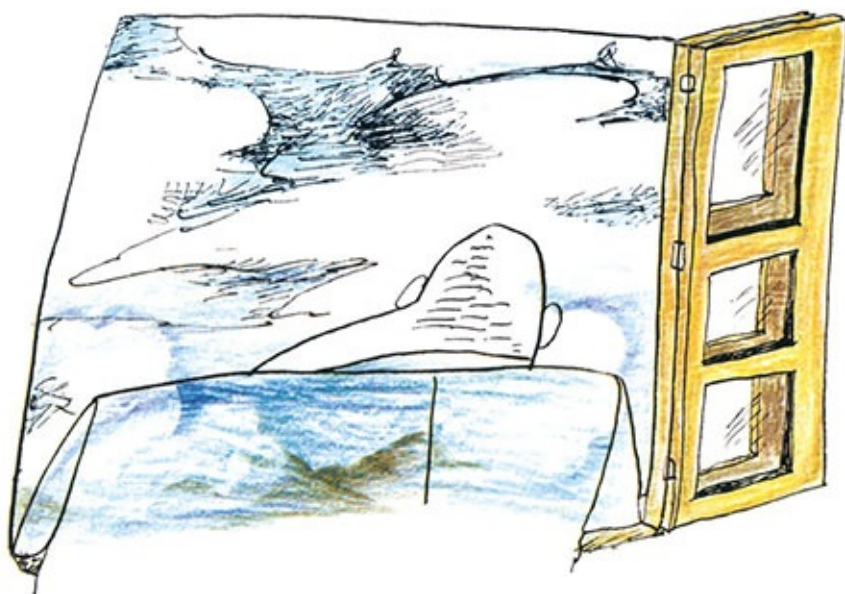
Poeminha dubidativo



LIVRE-PENSAR É SÓ PENSAR

Não, eu não tenho medo do fim
Mas,
E se o mundo terminar antes de mim?

Veja, 11 de março de 1981



HAI KAI

É como
você notou:
O tempo não passa.
Já passou.

Veja, 24 de janeiro de 1979

**A emocionante
disputa
palavra x
imagem**

A EMOCIONANTE DISPUTA PALAVRA X IMAGEM

Uma frase já antiga: “Uma imagem vale mil palavras.”

Aos poucos a frase foi se tornando conhecida, quase popular. Muitos dizem até que a frase tem origem chinesa.

O que lhe acrescenta sabedoria.

Como se a China não tivesse idiotas.

Muitos, aliás. Mais do que qualquer outro país.

Fiz as contas. Do bilhão e meio da população, um bilhão, quatrocentos e oitenta e nove cidadãos fazem o que o patrão mandar — seja ele de esquerda, de direita, monárquico ou evangélico. A única liberdade da qual a chinesada não abre mão é a do *deinde filosofare*: ficar de papo pro ar, num convento, nu com vento, casa e roupa lavada garantidas, baianando e criando frases sem sentido. A serem impressas no Ocidente em *folhinhas publicitárias* pra fundo de garagem e pra dar seriedade aos mulherões desnudos das revistas de sacanagem.

Pois é: “Uma imagem vale mil palavras.” Verdade evidente. Corrijo logo — apenas aparente. Pois como você diria isso sem palavras? Ah.

Mas estava eu em Portugal, a defender essa tese (sei bem, eu não defendia nada, apenas falava, coisa que faço o tempo todo, e a minha negação da frase não é nenhuma tese) numa conferência internacional de imprensa, quando um dos jornalistas que me ouviam obtemperou (ita nós, hein, mãe?): “Pode ser, mas que palavras você usaria para descrever a cena espantosa das pessoas se atirando do terrível incêndio do Edifício Joelma, em São Paulo?”

Tive de concordar: “Ganhou!”

Tive de discordar: “Mas não leva!”

Claro que, em princípio, as palavras perdem em poder pra imagens na descrição de um sinistro, um *belo-horrível*.

Mas digamos que estou lá, petrificado, vendo as imagens das pessoas se atirando em meio às chamas, quando o repórter me esclarece, em palavras, que o incêndio não é em São Paulo, mas na Indonésia. Imediatamente isso diminui a força da imagem, da tragédia, em meu sistema nervoso.

E, ao contrário, se o narrador dissesse que o incêndio era no Rio de Janeiro, aumentaria logo a força da tragédia em meu peito varonil.

Tragédia essa que aumentaria ainda mais minha emoção e me obrigaria logo a alguma espécie de ação, pelo menos telefonemas, se, *em palavras*, o repórter dissesse que o incêndio era na praça General Osório, aqui bem perto.

O MEIO É A MENSAGEM



Veja, 27 de maio de 2009



Veja, 3 de junho de 1970



Veja, 8 de janeiro de 1969



Veja, 8 de janeiro de 1969



PAPO FURADO

Veja, 8 de janeiro de 1969



Veja, 12 de março de 1969

O MEIO É A MENSAGEM



Veja, 22 de julho de 1970

HAI-KAI



Língua torta:

Portão

Menor que porta.

Veja, 16 de maio de 1979

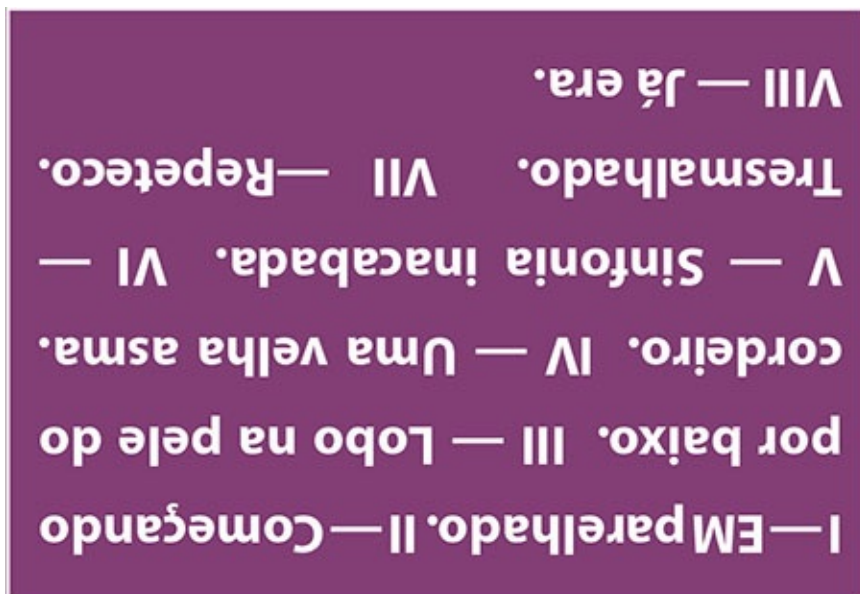
MAIS PALAVRAS, AINDA E SEMPRE

Num jogo, outra vez, lúdico com as palavras de todo o dia, convidado o leitor a olhar e adivinhar.

Explicações na outra página, de cabeça para baixo.

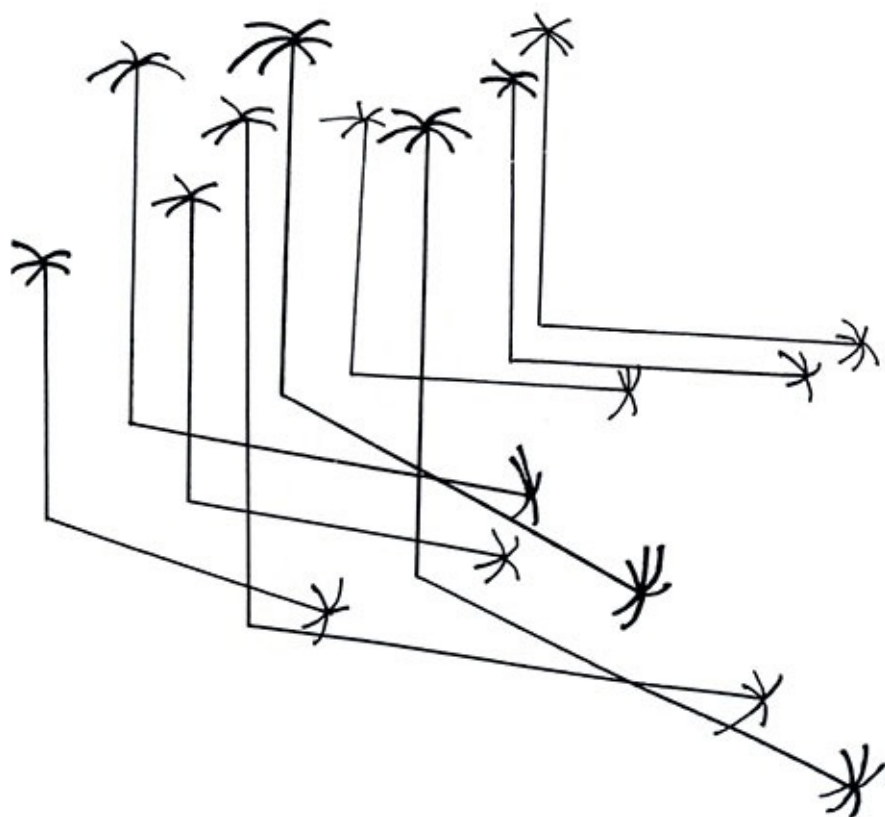


Explicações de PALAVRA, AINDA E SEMPRE



Veja, 27 de setembro de 1972

SOL



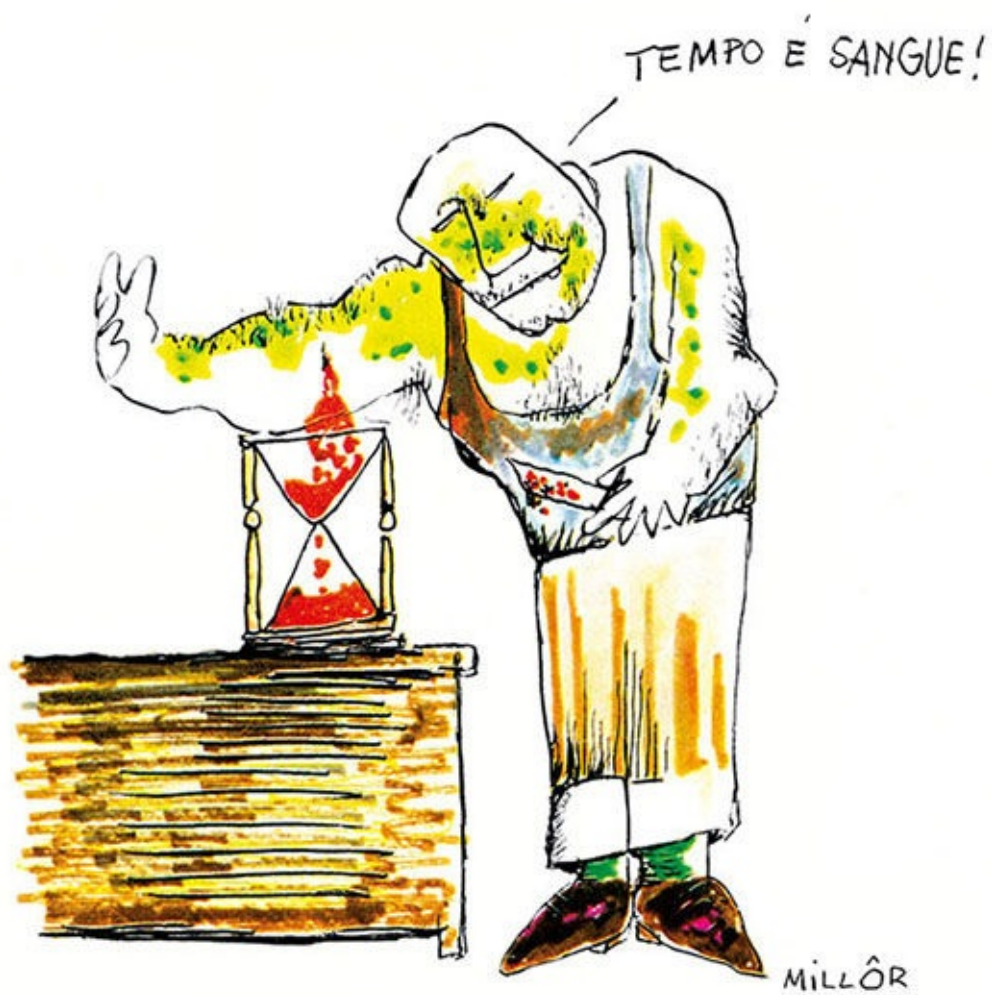
Vêja, 19 de março de 1975



IstoÉ, 16 de novembro de 1983

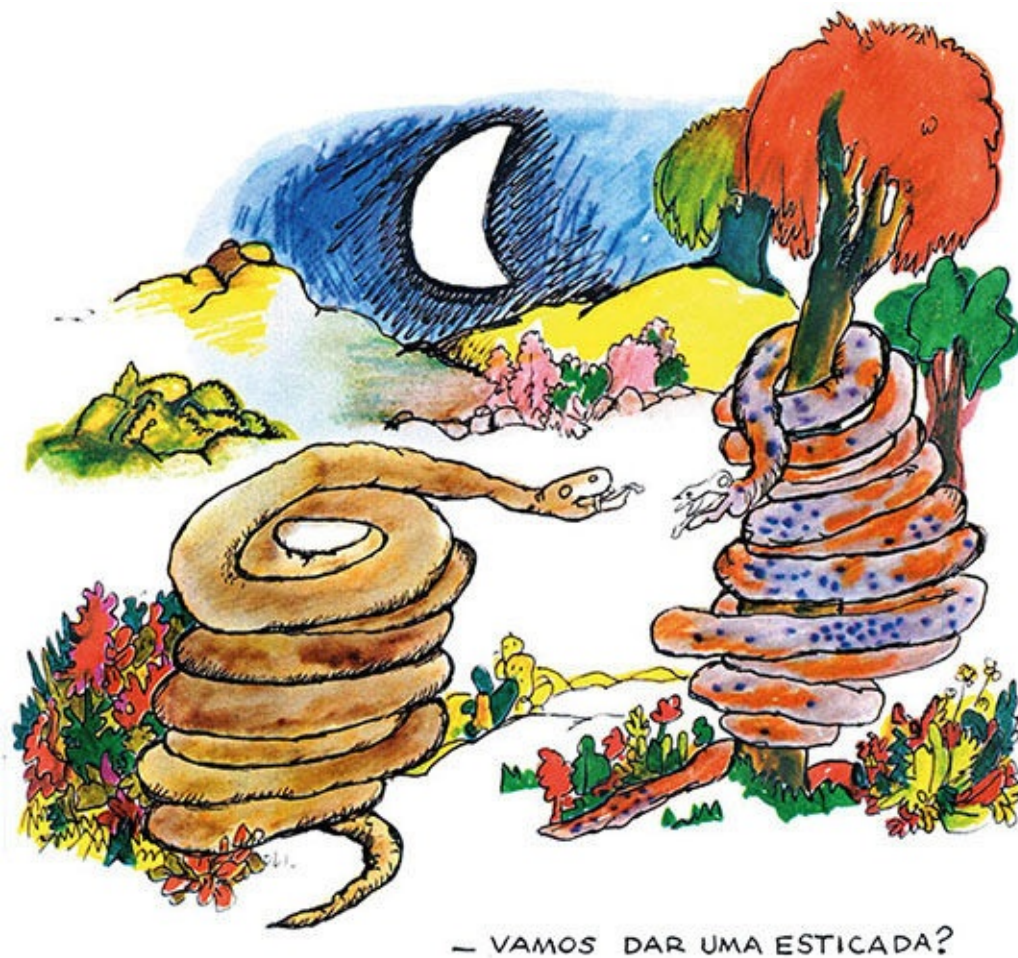


Veja, 8 de janeiro de 1975



Veja, 14 de março de 1973

Millôr e a origem das expressões



Veja, 14 de março de 1973

G . L

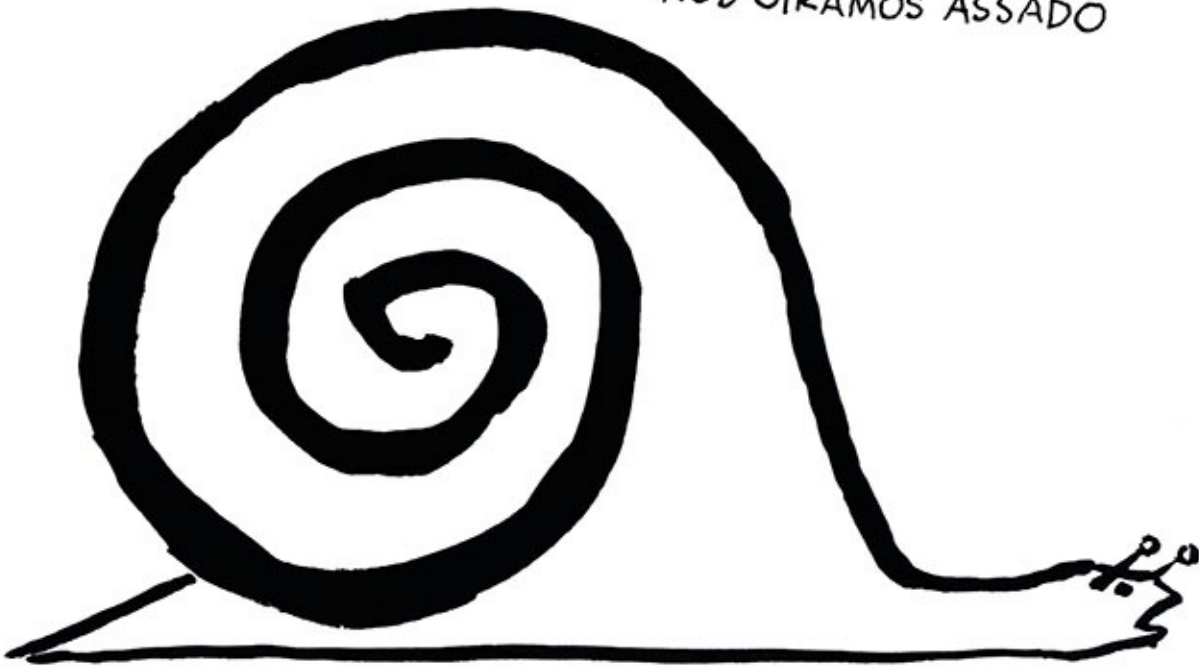
A E H F A A O

IstoÉ, 26 de agosto de 1992



O MUNDO GIRA ASSIM

NÓS GIRAMOS ASSADO



Veja, 29 de janeiro de 1969



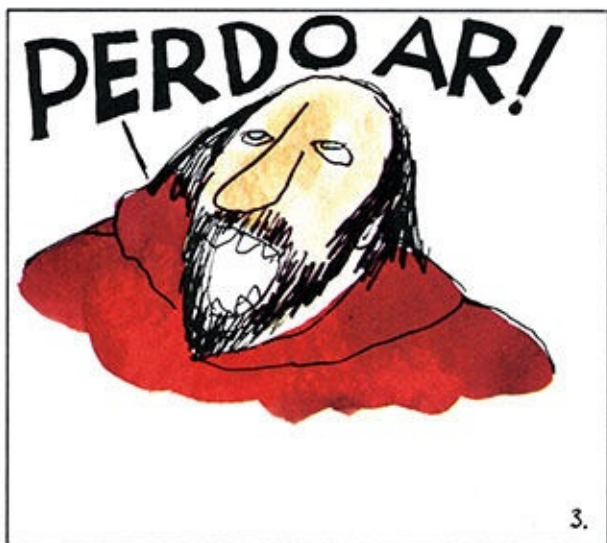
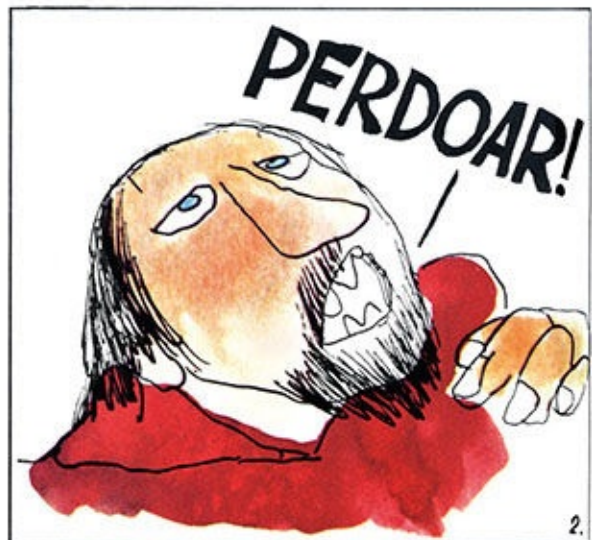
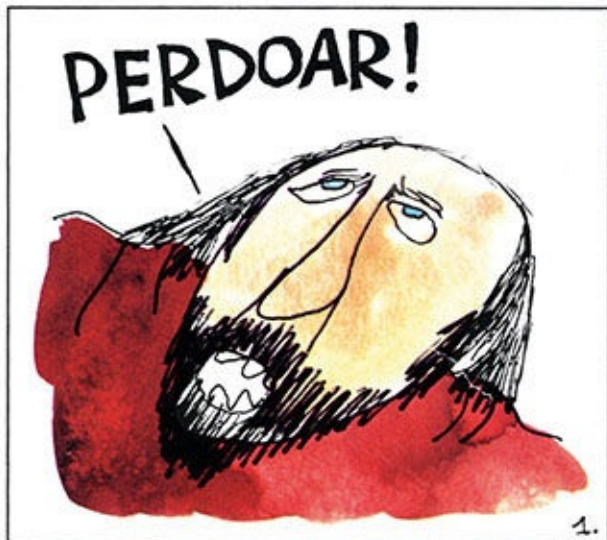
Veja, 2 de abril de 1975

COMUNICAÇÃO



Veja, 26 de agosto de 1970

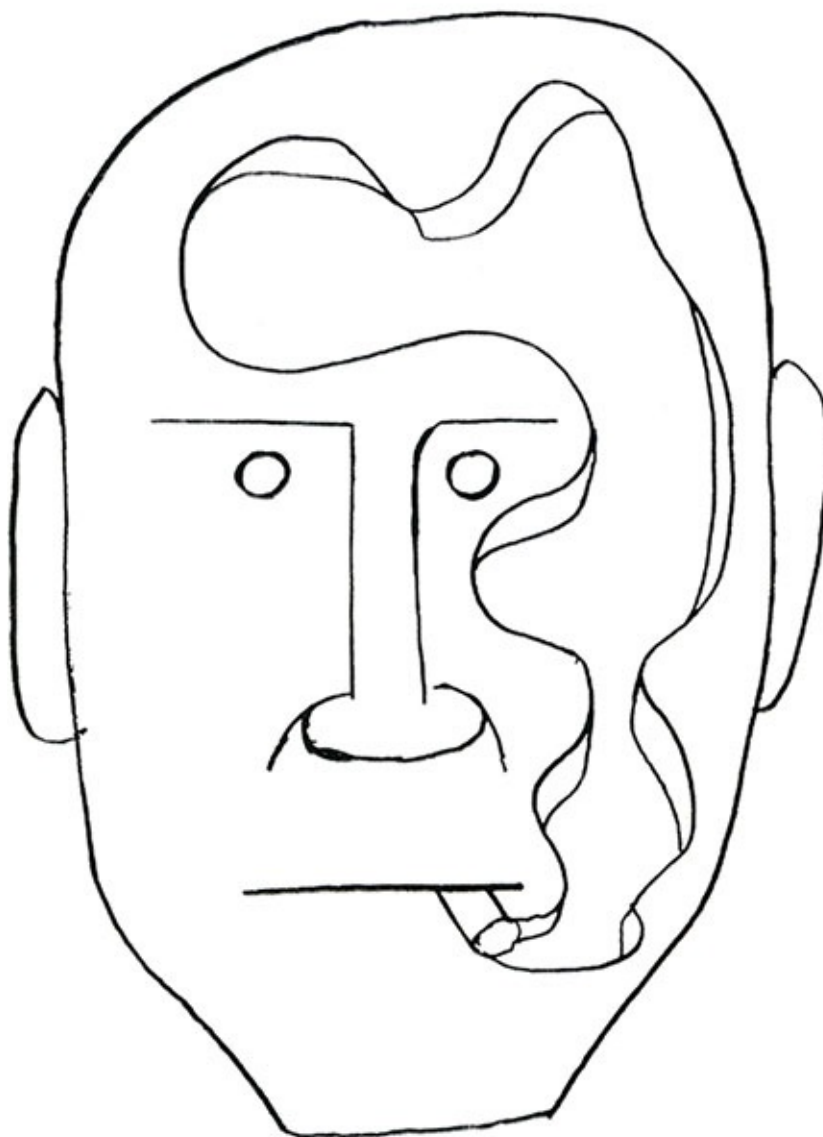
Millôr e as pequenas dúvidas semânticas





Veja, 27 de maio de 1981

No entremeses, o fumo...



Veja, 12 de março de 1980

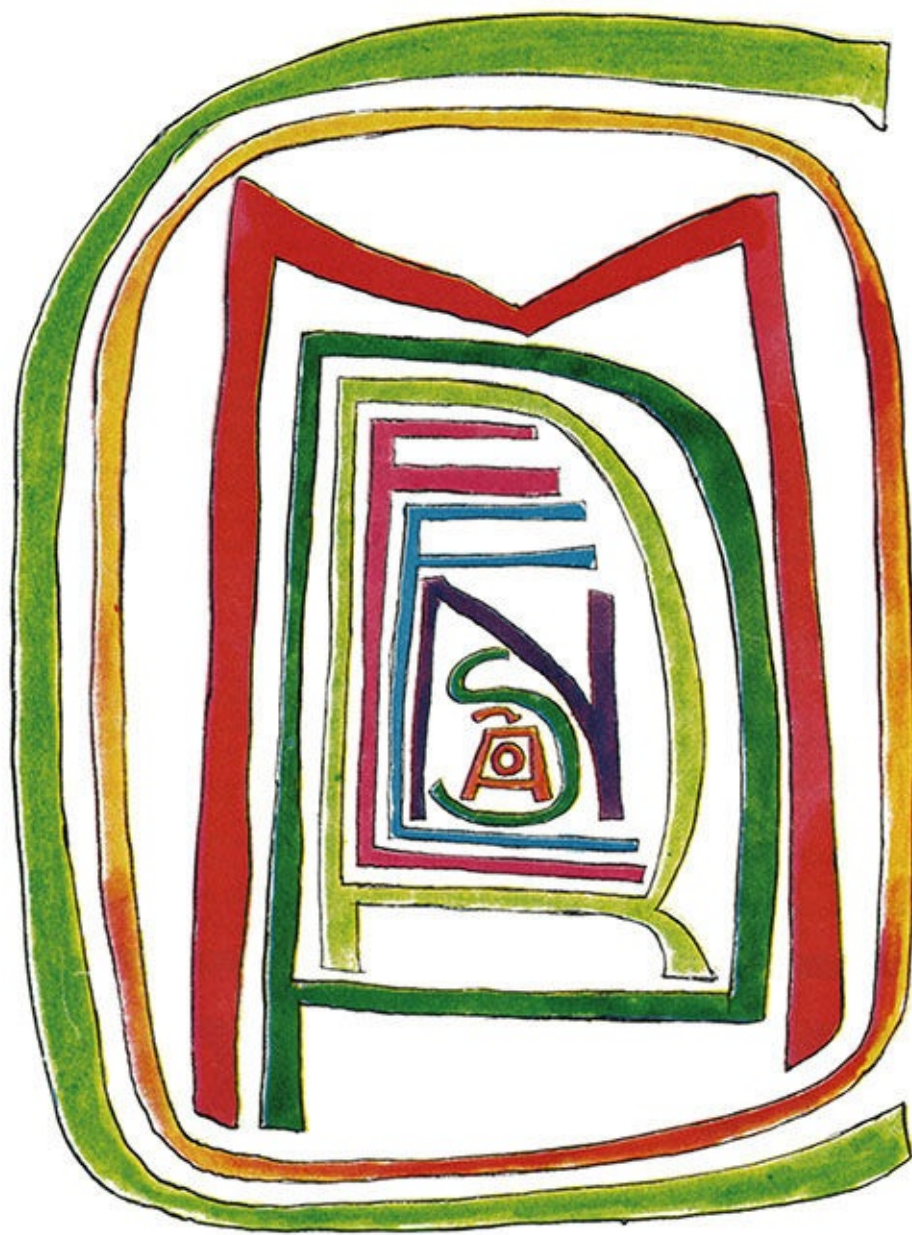


Veja, 1 de outubro de 1980



Veja, 1 de outubro de 1980

Ah, compreendeu?



Veja, 10 de junho de 1970

O sexo
que nós
perdemos

O SEXO QUE NÓS PERDEMOS

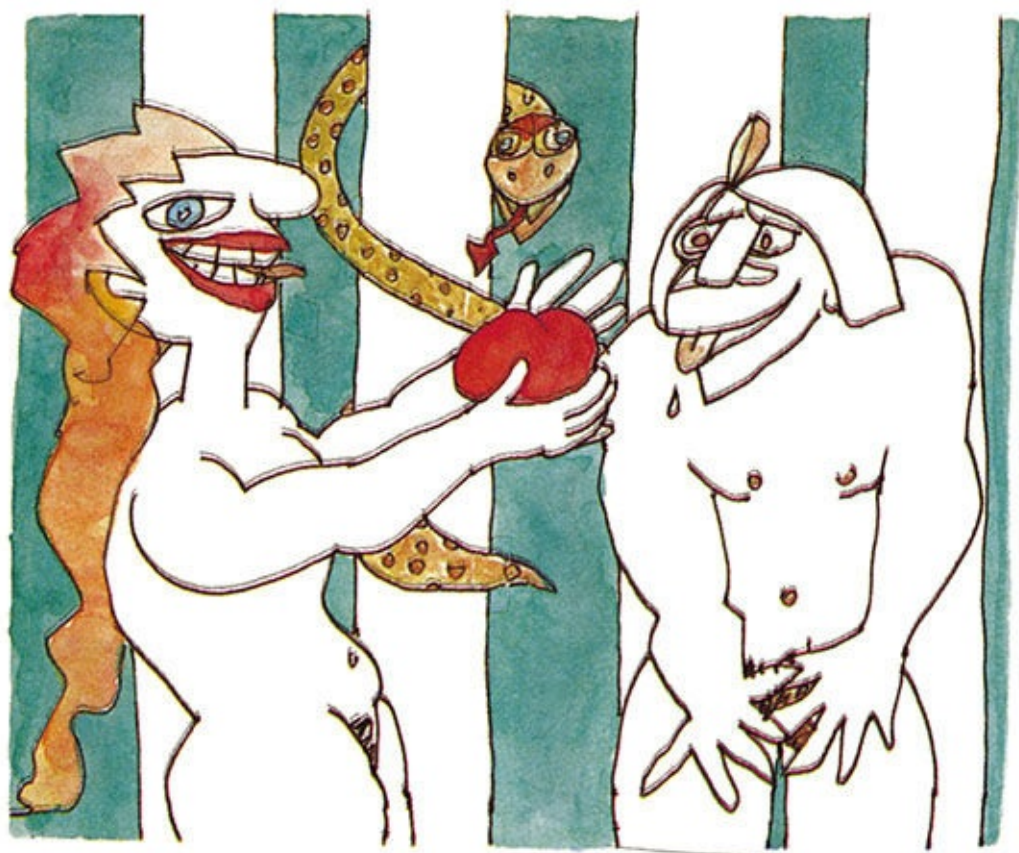
Por mais que os homens de batina e preconceitos tentem tapear, o fato é que a maçã, na história sagrada, significa essa palavra por tanto tempo oculta, escamoteada, falada em voz baixa ou dita apenas na língua do **P** quando há crianças por perto: Sé-pé-qui-pi-ssô-pô, **sexo**. Agora, perguntamos nós que tanto entendemos do assunto: por que a maçã, de todos os frutos insípidos provavelmente o mais insípido, foi logo servir como base e paradigma de coisa tão mais saborosa e succulenta? Numa enquete que fizemos aqui na redação, a votação foi unânime — nossos trinta e oito redatores (em sua maioria visitantes) declararam peremptoriamente que, se estivessem no Paraíso no lugar de Adão e se fossem tentados por uma maçã, até hoje o Homem conservaria o seu primeiro e florido lar, não teria havido expulsão, nem guerras, nem ódios e todas essas outras coisas que se atribuem provocadas pela gesto original de desobediência.

Evidentemente devia haver frutas bem melhores no Paraíso. E, ao pensar nisso, choramos de frustração imaginando o sexo que perdemos. Sim, pois se a maçã, tão insossa, corresponde ao sexo que temos, vocês já imaginaram o sexo que teríamos se a primeira dama nos tivesse tentado com um tamarindo bem maduro, daqueles de dar água na boca? Ou se a serpente lhe tivesse indicado, em vez da macieira, uma belíssima árvore de morango com creme?

Objetarão, os mais eruditinhos, que o Sexo — i.e., o fruto — não foi escolhido por Eva, mas determinado a priori pelo Todo-poderoso, que exigiu de seus filhos não tocarem **naquela** árvore. Mas está visto que o Senhor, que fez tantas com seus filhos, tapeou-os aí também — todas as árvores do Paraíso eram igualmente sexuais. Proibindo a macieira, ele levou o homem, fatalmente, a escolher o pior dos sexos. Dizem que em Marte, planeta melhor aquinhado (gratificado) pelo Senhor, o sexo é algo muito mais sensacional. Sem falar em Vênus, donde, garantem os cientistas-teólogos, o primeiro homem e a primeira mulher foram expulsos porque comeram de todas as árvores e de todas as frutas do Paraíso de lá, misturando os mais variados sucos e fazendo as mais completas experiências — saladas de frutas, batidas, molhos, etcetera. E não pararam aí:

convidaram para participar da orgia (desrespeito?) todos os animais presentes. Deve-se a essa extraordinária providência o espírito experimental dos primeiros habitantes de Vênus a fantástica variação e a incrível intensidade de prazeres sexuais que possuem hoje os moradores daquele notável planeta.

Veja, 5 de agosto de 1970



PEQUENAS REFLEXÕES GASTRONÔMICAS

**Se a maçã era o pecado,
o que eles comiam normalmente
devia ser um horror**

IstoÉ, 7 de agosto de 1991

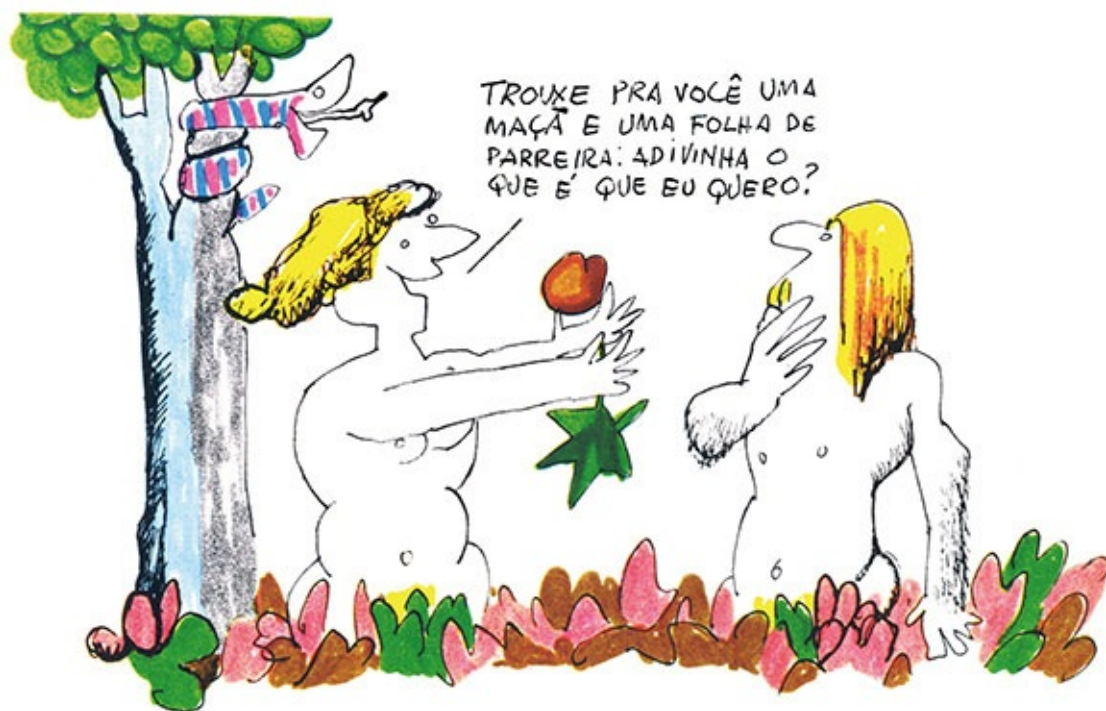
**Intelectual pensa que sexo
oral é ir pra cama com uma
mulher e ficar a noite inteira
falando de sexo.**

IstoÉ, 6 de maio de 1987

**A prova de que o destino
do Homem era a absoluta
vagabundagem é que Deus
só falou em trabalho depois
que ele comeu a maçã.**

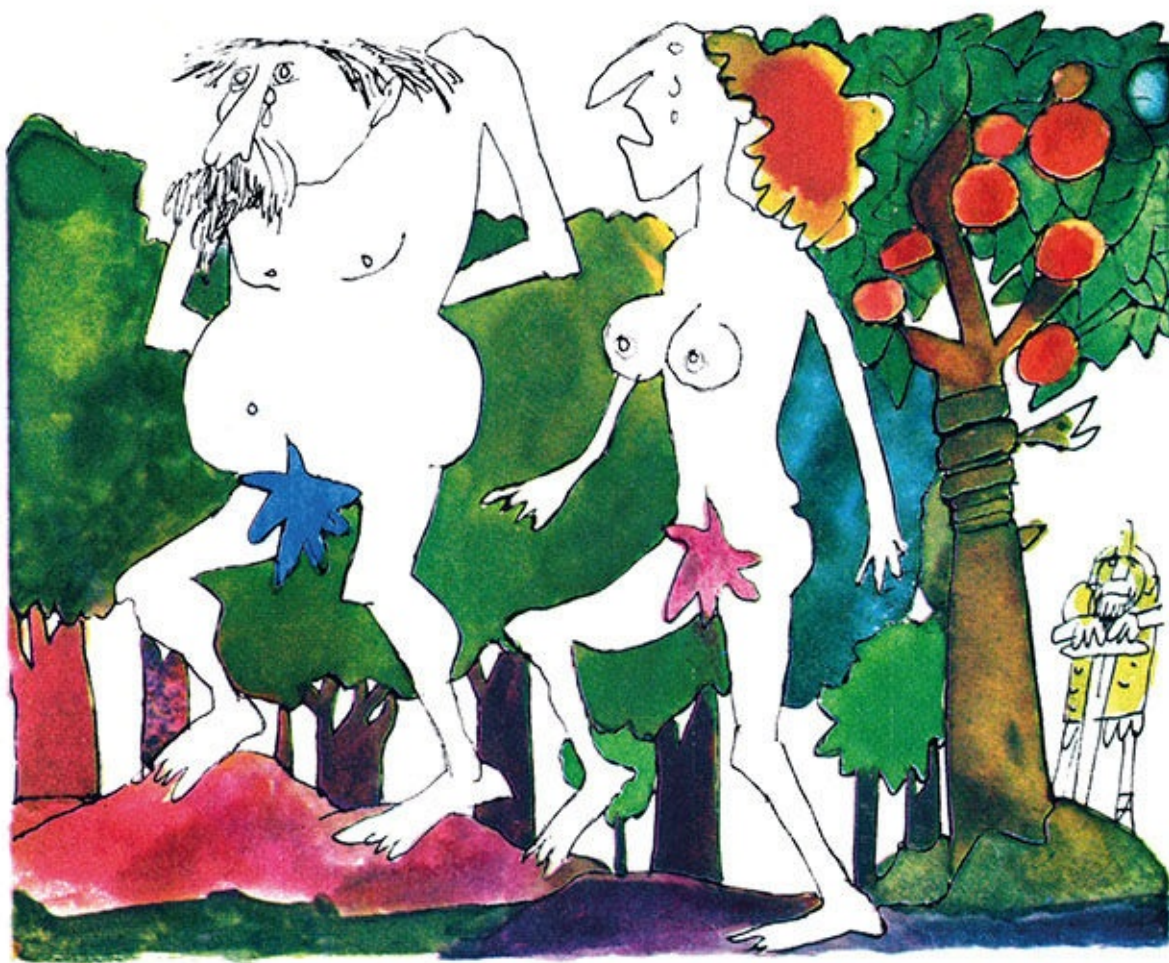
Veja, 20 de maio de 1970

MILLÔR E AS GRANDES PERGUNTAS METAFÍSICAS



Veja, 4 de outubro de 1972

Millôr e as eternas queixas



Cocaína, maconha, LSD, uma infinidade de drogas espalhadas por aí e nós somos expulsos só porque comemos uma maçã.

Veja, 19 de maio de 1971



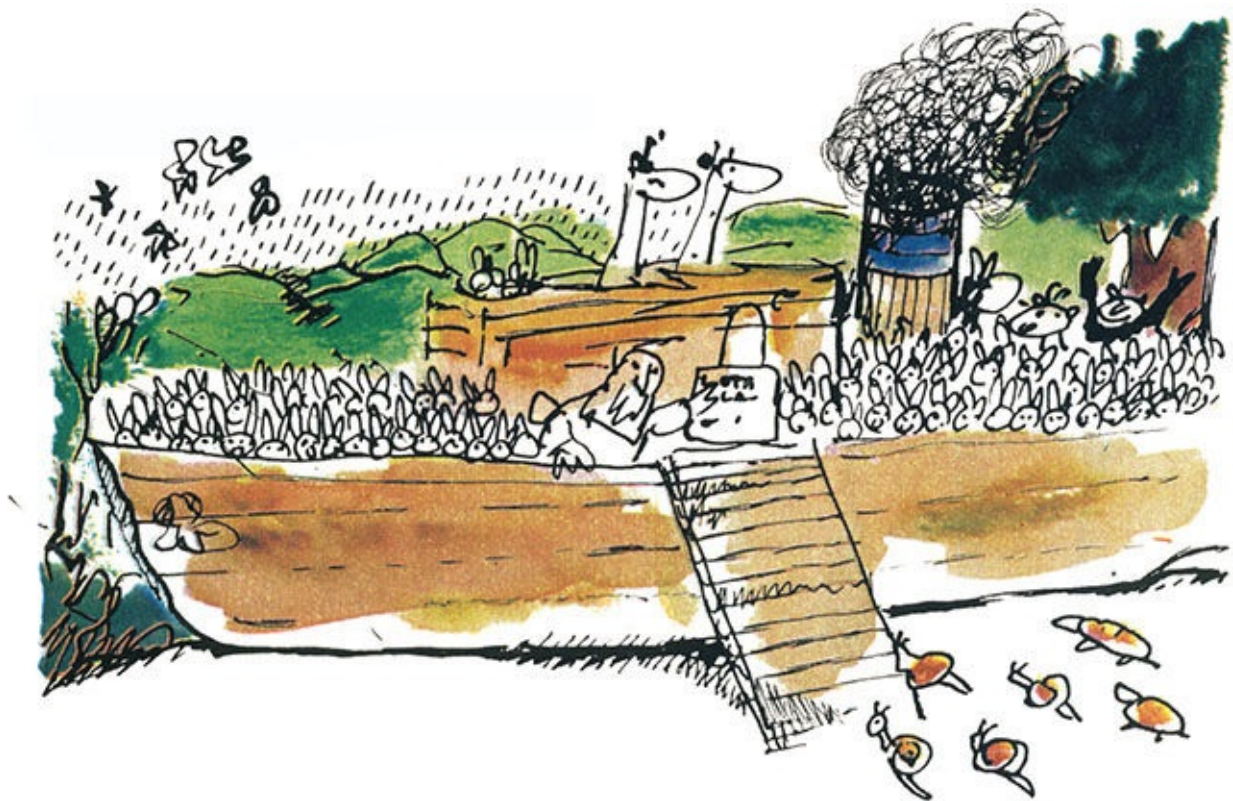
*Quando Adão e Eva
comeram a maçã,
Adão imediatamente
percebeu que o
posterior de Eva
estava nu.
Datam daí
as preocupações
do Homem
coma posteridade.*

Veja, 21 de novembro de 1979

**Dizem que, quando o Criador
criou o homem, os animais
todos em volta não caíram na
gargalhada apenas por uma
questão de respeito.**

Veja, 23 de abril de 1975

MOMENTOS HISTÓRICOS DA HISTÓRIA



Quando, afinal, os caracóis chegaram à arca de Noé, os coelhos já tinham se multiplicado tanto que não havia mais lugar.

Veja, 2 de julho de 1969



Veja, 7 de maio de 1980

**E no sétimo dia, quando
Deus descansou, surgiram
sobre a terra os primeiros
críticos de costumes.**

Veja, 14 de julho de 1972

**DEUS É BOM.
ESTÁ É MUITO MAL
CERCADO.**

Veja, 19 de fevereiro de 1969

**Os ateus têm um Deus que
não acredita em nada.**

IstoÉ, 11 de março de 1992

E DEUS, MORREU MESMO?

Dizem que Deus escreve certo por linhas tortas. Pelo mundo que temos, parece que o melhor mesmo ainda é a caligrafia.

*

Se Deus me der força e saúde, hei de provar que ele não existe.

*

Diderot podia não acreditar, mas, como medida de segurança, sempre se referia a Deus como “o cavalheiro lá em cima”.

*

Mas a verdade é que, se Deus existe, deve morrer de rir quando ouve que “o homem é feito à sua semelhança”.

*

Estamos tão longe da possibilidade intelectual de compreender certos fenômenos que, se Deus existe, deve estar para o homem assim como o homem está para o macaco. Estou sendo otimista.

*

Definição capitalista: “Deus é o lucro líquido da crença existencial, descontados todos os pecados devidos.”

*

— Deus existe?

— Pergunta a ele.

Veja, 19 de março de 1975

**Quando chegar a hora dos
humildes herdarem o Reino
dos Céus, o Imposto de
Renda vai ficar com mais da
metade.**

Veja, 14 de maio de 1969

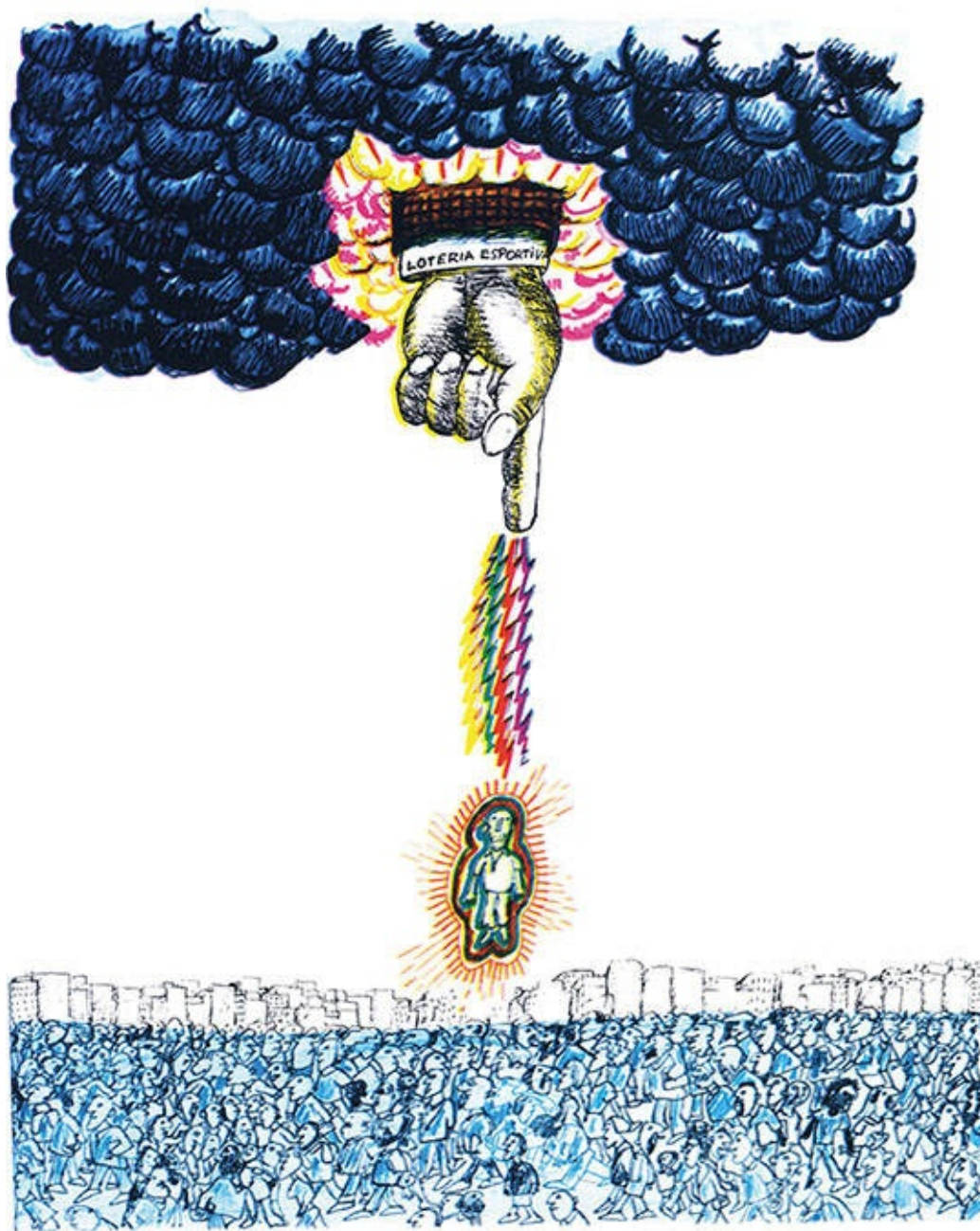
**Não somos a imagem de
Deus. Somos apenas a sua
autocrítica.**

Veja, 21 de agosto de 1974

**Ao contrário do que conta
a Bíblia, quem tem culpa
atira logo a primeira pedra.
Basta ver qualquer desses
processos por corrupção.**

IstoÉ, 15 de janeiro de 1992

MILLÔR E AS SOLUÇÕES SÓCIO-METAFÍSICAS



Veja, 3 de novembro de 1971

**Depois de estudarem todos
os detalhes científicos das
viagens interplanetárias,
os cientistas chegaram a
uma conclusão terrível: a
humanidade é apenas uma
piada de Deus.**

Veja, 28 de janeiro de 1970

**Deus fez o Homem.
O Homem aí construiu uma
Igreja e aprisionou Deus.**

Veja, 10 de agosto de 1977

**Os Dez Mandamentos
nunca impediram nada. Mas
deram cada ideia!**

Veja, 22 de setembro de 1976

A Bíblia à luz da ciência

Noé foi o primeiro a acreditar — e a não se decepcionar — nas previsões meteorológicas.

*

O milagre da multiplicação dos pães foi a ideia fundamental para os múltiplos.

*

A funda com que Davi abateu Golias foi fornecida pelo Acordo de Ajuda Militar com os filisteus.

*

Ao fazer o homem à sua semelhança, o Todo-poderoso estava, naturalmente, sugerindo a xerox. Que, aliás, Maria Madalena usou com maestria ao copiar em seu lenço o rosto de Cristo.

*

O método geriátrico adotado por Matusalém foi simples. E é o mais eficiente até hoje: mulher na juventude, mulher na maturidade, mulher na velhice.

*

Jogando neve derretida sobre nuvens do deserto foi fácilimo fazer o maná cair do céu.

*

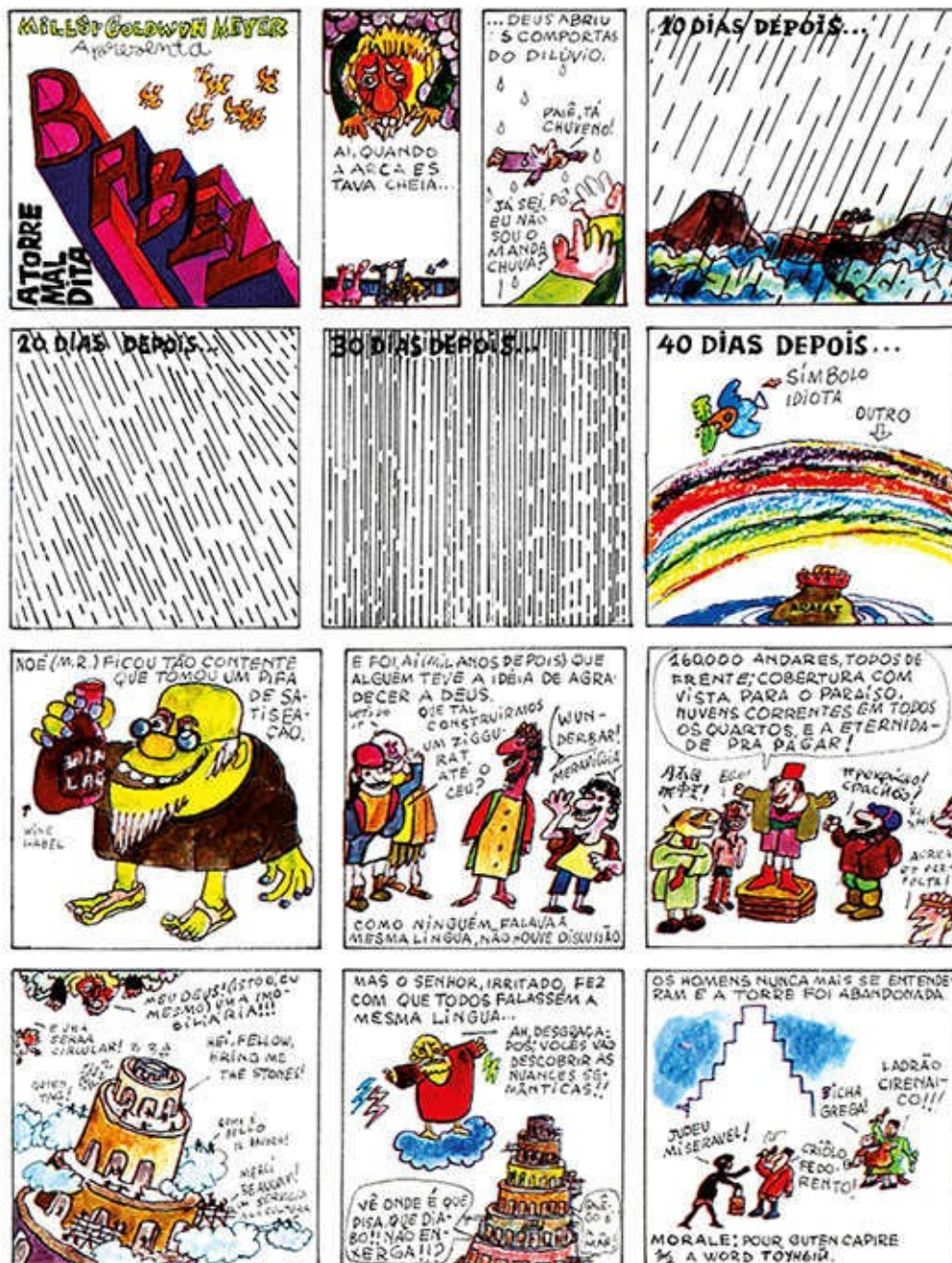
Mane-Tecel-Fares em letras luminosas na parede do salão de festins de Baltasar: o primeiro noticiário rolante da história, mais tarde adotado pelo New York Times.

*

O camelo só passou pelo fundo da agulha devido a avançadíssimo processo de desidratação. (Mesmo assim o rico continua a entrar no céu com mais facilidade que ele.)

*

Ao caminhar sobre as águas, Cristo iniciou a técnica básica do aerobarco.



Veja, 19 de setembro de 1979



Veja, 9 de dezembro de 1970

Millôr e os eternos críticos



Veja, 23 de janeiro de 1974

IMITANDO A BÍBLIA

GÊNESIS

1.1. No princípio Deus criou o céu e a terra, e o cartão de crédito, e ficou esperando o Gomes de Almeida, vírgula, Fernandes pra fazer os prédios.

1.10. E Deus disse: “Fiat Lux, Light and Power!”, e a luz ficou, para sempre, precária, só funcionando doze horas por dia. E destruíram as Sete Quedas pra fabricar voltagem.

1.27. E Deus fez o Homem à Sua imagem; ao vivo e em cor Ele fez o homem e a mulher. E a mulher e o homem se juntaram e fizeram outros seres em vídeo-teipe.

1.28. Ele disse: “Crescei e multiplicai-vos.” Mas exageraram e isso deu no planejamento familiar e, às 6 da tarde, uma tremenda aglomeração na esquina Nossa Senhora de Copacabana com Figueiredo de Magalhães.

1.31. E Deus olhou tudo o que tinha feito e viu que tudo era bom. Pois não tinha inventado a crítica senão ia ver o que era bom.

2.7. E Deus formou o homem do pó e transformou aquilo num ser vivente mediante a respiração boca a boca.

2.18. E percebeu que não era bom para o homem viver só. Achou preferível mal acompanhado.

2.23. Por isso o homem abandonará pai e mãe e se juntará à sua mulher; e serão uma só carne e um só recheio.

2.24. Porque tu és o osso do meu osso, a carne da minha carne, e por isso viveremos para sempre presos ao nosso conflito íntimo.

3.4. E aí Adão e Eva arrancaram folhas da figueira e fizeram aventais com que cobrir suas nudezas. Eva, porém, fez o dela com um babadinho.

3.19. Comerás o pão com o suor do teu rosto — disse o Senhor, mas todo mundo acabou comendo o pão com o suor do rosto do padeiro.

4.15. E Deus marcou Caim criando o logotipo.

6.4. Havia gigantes na terra, naquele tempo, embora muitos deles, relativamente, fossem bem pequeninhos.

9.8. E Esaú vendeu direito de primogênito por uma ração de sopa, homologando o royalty.

9.11. E Deus fez a serpente, mas, como ela era o mais sutil dos animais da floresta, logo negou sua autoria.

12.9. E Adão e Eva foram viver na terra de Nod, a leste do Éden, o que Sérgio Dourado chamaria de Novo Éden.

18.21. Pois tu comerás a gordura da terra — disse Ele, sem saber que em Ipanema seriam magras as preferidas.

Veja, 7 de junho de 1978

Millôr e a Metafísica



Veja, 18 de abril de 1973

Canto do homem novo

CANTO DO HOMEM NOVO

(Segunda metade do século XX)

Ele viu o fogo
que era o fogão
passar a Napalm
e torrar o chão

O vestido humano
ser sintetizado
e o corpo humano
desmitificado

Pôde usar à noite
sexo integral
e voar de dia
antigravitacional

Desinteressou-se
de ver mulher nua
e gastou o que tinha
na viagem à Lua

Ele teve enfarte
aos dezoito anos
sofreu um transplante
reviveu um instante
não morreu de câncer
viu morrer o câncer

No seu fundo mundo
chuvas já não chovem

e qualquer velho pode
requerer ser jovem

A lei lhe permite
desquitar do irmão
e ele vive tudo
sem muita emoção
pra acabar morrendo
de televisão

Veja, 21 de maio de 1969

DEFINIÇÃO DO HOMEM

Um bípede implume —*Platão.*

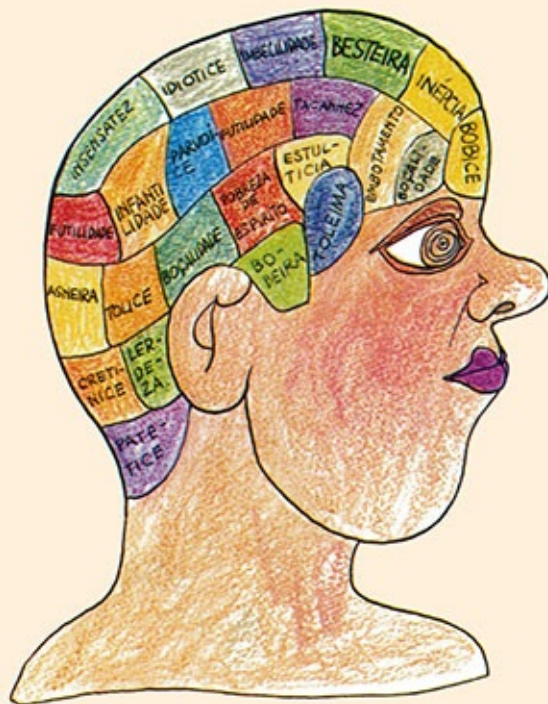
Um bípede ingrato —*Dostoiévski.*

Um bípede inviável —
Millôr.

Se o homem é um bípede, dois fatalmente são
um quadrúpede — *o mesmo.*

Veja, 29 de outubro de 1980

O CÉREBRO



IstoÉ, 14 de maio de 1986

**ERRAR É HUMANO.
BOTAR A CULPA NOS
OUTROS TAMBÉM.**

Veja, 24 de fevereiro de 1971

POEMEU DE DUVIDOSA FILOSOFIA

Mais vale um pássaro na mão
Do que dois voando.
Mas não pro pássaro.
(Pro homem que está filosofando.)



IstoÉ, 15 de janeiro de 1986

**Conhece-te a ti mesmo,
como dizia Tales, um dos
sete sábios da Grécia. Infeliz
de quem consegue isso,
digo eu, que nem sequer
sou grego.**

Veja, 2 de junho de 1982



Desmembra a alma em pedaços
rotula todas as partes
ego, id, dor, anseio
arquiva peça por peça
ciúmes, recalques, medo
conhece todo segredo
dos corações em desgraça
tabela paixão e angústia
computa sonho e remorso
pinça e mede sentimentos
e sabe explicar por que
eu rio do meu desastre

e você pensa em suicídio
ao perder o dente siso.
Do consciente sabido
desce mais fundo e além
vai batizando a alma
com os nomes que a alma tem
e com o inconsciente explica
o brilho de qualquer bossa
o horror de qualquer fossa.
As perversões sexuais
para ele são normais:
e sabe todo o trançado
dos fatores sociais.
Seu tirocínio é perfeito
seuraciocínio, bacano.
Tem apenas um defeito:
nunca viu um ser humano.

Veja, 25 de novembro de 1970

HOJE EM DIA
SÓ HA' UMA
COISA REAL,
MENTE DURÁVEL:
O EFÊMERO



IstoÉ, 17 de maio de 1989.

A Sociedade é a estupidez individual somatizada.

Veja, 11 de junho de 2008

**FAÇA AOS OUTROS AQUILO
QUE ELES NÃO QUEREM
QUE VOCÊ LHES FAÇA,
ANTES QUE ELES TE FAÇAM
AQUILO QUE VOCÊ NÃO
QUER QUE ELES TE FAÇAM.**

IstoÉ, 30 de setembro de 1992

Olhando um recém-nascido

O recém-nascido médio, surgindo ao mundo como possuidor inesperado de um corpo e um espírito de cuja utilidade não tem a menor noção, é imediatamente instruído (condicionado) sobre o que deve fazer com ambos.

Perdoe-me o dito bebê mas eu também me inclino ao erro de instruí-lo. O cabelo de sua cabeça, por exemplo, hirtó e rebelde nos primeiros dias, tenderá à docilidade com o tempo (não muito tempo, porém, pois muito tempo acaba com qualquer cabelo). Dominado o seu cabelo, você, bebê, se verá imediatamente com o problema seguinte e mais grave: a comunicação. Sentindo que não tem o mínimo controle da língua que se fala em torno (todo bebê nasce estrangeiro) perceberá, também, que é apesar de tudo, o centro focal do absoluto interesse de todos os presentes, que se dirigem a você em grunhidos e nhenhênhs estranhos, tentando imitar inutilmente o idioma com que você veio ao mundo. E, embora tenhamos que reconhecer as dificuldades múltiplas de nossa pobre língua pátria (que língua, a nossa!), isso não justifica a tentativa de imposição, sobre você, durante os primeiros meses de sua vida, de grunhidos, gritinhos e neologismos guturais com os quais as pessoas geralmente conversam com gatos, cachorros e papagaios. O que você tem a fazer é protestar com berros e mordidas evitando, assim, a náusea de tal semântica.

Outra tortura que você terá de enfrentar nos primeiros tempos é a beijoquice interminável. Senhoras gordas e múmias nojentas, que você nunca viu antes (na verdade você nunca viu ninguém antes), usarão com você de intimidades osculatórias absolutamente indecentes, sem falar das que, velhas damas indignas, brincarão com partes de seu corpo absolutamente censuráveis. Além disso, haverá também crianças que, nascidas alguns anos antes, sentirão o irrefreável desejo de carregá-lo canhestramente, acariciar a sua barriga ou fazer bilu-bilu no seu beijo.

Em suma, meu nego, os primeiros tempos de vida serão um tremendo desapontamento (depois piora). Nem sei mesmo o que lhe aconselhar. Nos primeiros dias qualquer movimento mais brusco de pés ou braços ou um chorinho relativamente convulsivo bastam. Só daqui a uns três anos você terá

dominado a estrutura fundamental da linguagem (Koestler) e estará pronto para entrar em qualquer fofoca adulta.

Naturalmente para ouvir a advertência, ainda vigente apesar de todos os psicologismos e todas as permissividades: “Criança não deve se meter na conversa dos mais velhos.”

Veja, 27 de junho de 1973

**Só depois de quatro anos de
escola primária, seis de escola
secundária, seis de cursos
superiores e universitários e
mais alguns anos de estudos,
experiências e reflexões,
você estará definitivamente
preparado para emitir ideias
perfeitamente estúpidas.**

Veja, 8 de março de 1978

**É sempre melhor a gente
se arrepender do que
experimentou do que não
experimentou. Exceto, é
claro, casamento, luta de
boxe, queda de avião e
ensopado de quiabo.**

Veja, 8 de dezembro de 1976

**POR MAIS IMBECIL QUE
VOCÊ SEJA, SEMPRE
HAVERÁ UM IMBECIL MAIOR
PARA ACHAR QUE VOCÊ
NÃO O É.**

Veja, 4 de fevereiro de 1970

**O Homem é a maior
criação da natureza. Isso,
naturalmente, porque o
cavalo não fala e o jumento
não escreve nos jornais.**

Veja, 22 de outubro de 1980

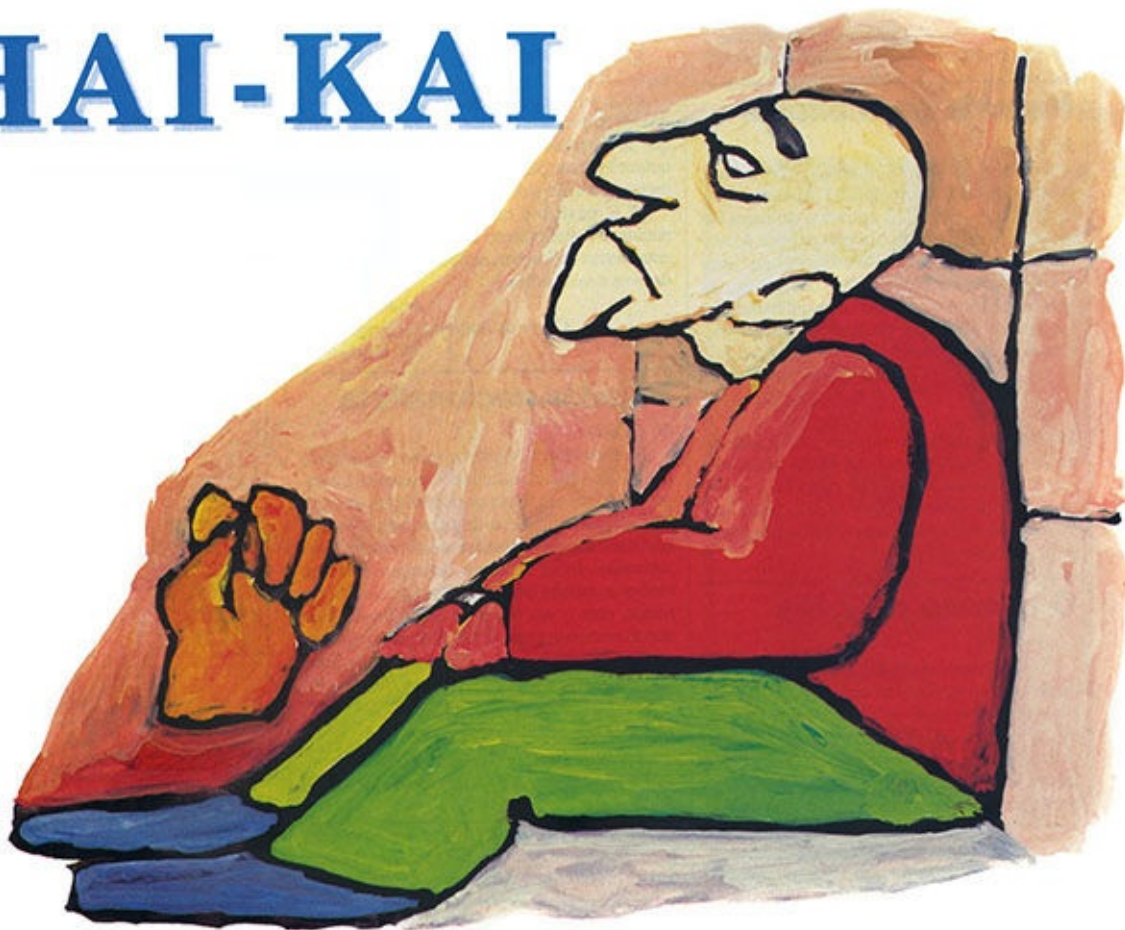
Poemeu

Os sábios
sociais que me
perdoem, mas
piedade
é essencial.
(Receita de Homem-novo)

*Com um pouco de Freud
Envolto em celuloide
Um tanto de marxismo
Embrulhado em jornalismo
Bastante violência
Alguma inteligência
Desprezo da verdade
E alma bem fria
Se faz a humanidade
Do robô da ideologia.*

Vêja, 28 de janeiro de 1981

HAI-KAI



Nem é segredo;
Sou feito de pó, carência,
vaidade — e muito medo.

IstoÉ, 28 de outubro de 1992.

Homo faber,
sapiens,
ludens



HOMO FABER, SAPIENS, LUDENS

O que vale mais no ser humano é sua capacidade de invenção. Sobretudo quando ultrapassa o imaginável. E atinge o iní. Vendo essas viagens interestelares, eu jamais penso que vá se encontrar qualquer coisa mesmo longinquamente semelhante ao que existe na Terra. Procuro imaginar só o inconcebível. Algo que não seja nem ar, nem terra, nem fogo, nem água. E algum sentido extraordinário, que não seja visão, audição, gosto, tato. Um ser que não seja pessoa, nem carne, nem sangue, que não respire nem ande. E que, no entanto, como única semelhança conosco, de alguma forma — seja. Mas como é que posso explicar o fogo a quem nunca viu o fogo? E, se mostro o fogo a um limitado ser humano, claro que não saberá imaginar outra coisa que não seja o fogo. É preciso que eu o molhe, lhe jogue muita água em cima, pra apreender a água. Entenderá então, água é uma espécie de antifogo. Depois terei que lhe mostrar a terra e lhe ensinar a respirar o ar, e lhe dar noção de gosto e fazê-lo ouvir o som. Mas, no sentido mais amplo, nenhum progresso — ele achará que tudo é ar, som, água, fogo, visão. Pois não é.

Aqui estou eu diante de uma invenção inteiramente humana — sento numa mesa de pôquer e faço um *Royal-Straight-Flush* (em português: *róialstritflêsh*). Veja bem, repare — o perfume é uma decorrência natural do olfato e da flor, o assado vem direto da carne e do fogo, a roupa, da pele e do frio. Mas as cartas de jogar e, conseqüentemente, o Royal — nada na natureza conduz a isso. E, no entanto, eu já vi adultério e briga e roubo e sangue, em mesas em que um homem *chorou* uma última carta e viu surgir o ás final, vermelhinho vermelhinho, de que ele necessitava pra *fechar* o seu *Róial*. O coração bate violentamente. Aqueles retângulos de cartão pintado alteram momentaneamente o próprio fluxo da vida. Quase impossível manter o *pôquer-face*.

Um *Royal-Straight-Flush* é uma das coisas tiradas pelo homem da pura imaginação. De suas entranhas metafísicas.

E o que mais completamente substitui a paixão carnal e o amor de mãe.



Veja, 16 de abril de 2008



Veja, 14 de outubro de 1970



Veja, 19 de dezembro de 1979

**E quando acabarem todas
as guerras, o que é que eles
vão fazer com o Prêmio
Nobel da Paz?**

Veja, 26 de fevereiro de 1969

CANTO CIBERNÉTICO

NÚMERO 12

A pomba plástica da tecnologia
(ao acabar a última guerra)
voa com um ramo ionizado de oliveira
sobre os robôs que herdaram a terra



Mas o último gemido
deste mundo
não será o do homem
bombardeado
será o do robô ficando só
morrendo enferrujado

Veja, 19 de fevereiro de 1969



ANALISTA DE SISTEMAS

IstoÉ, 31 de julho de 1991

PAZ NA LUA AOS HOMENS DE MÁ VONTADE

São Cristóvão deposto na Terra
São Jorge deposto na Lua
Discos na Terra
Módulos na Lua.
E, súbito, os astronautas são os argonautas
De uma mitologia cibernética
Onde isótopos, relés, meteoritos,
Empuxo, propulsão, substituem,
Com refeita eloquência
Os nomes destronados do Lépidio-sereia
Minotauro, Digongos, Duriades, Salamandras,
Hipógrifos e Unicórnios.
Onde manchetes, fotos, filmes, vídeo-tapes,
Transmissões-em-cadeia
São os louros da conquista nova.
Ah, meu dicionário de rimas não tem iclos
Que rimem com tantos megaciclos.
Nem íons, que eu possa justapor
A tantos megatons.
(E sei que os heróis da Ática
Não conheciam a estática.)
Somos todos filósofos amadores
Partilhando da mesma certeza:
A queda bíblica
Nesta nova era
Nem pode se chamar
Reentrada na atmosfera.

A vocês, que medem a distância Terra-Lua
Pela mágica-laser,

Que pensam em viajar, um dia,
Até Mercúrio — e além —
Brincar com o cinturão de Allen,
Zombar da atração gravitacional de vários astros
Perfazer o périplo das galáxias.
A vocês, jovens amantes
Se possuindo na claridade atômica
Das esferas,
Peço que deem três vivas
Aos acolchados heróis da Lua nova
Os que pisaram no polo da dindinha Lua
Içaram a bandeira humana no pico da inacessibilidade
Registraram a glória terrestre numa placa
E irradiaram seus passos, transistorizados,
A milhões de ouvidos, aqui, em Ítaca.

Que devemos pedir, humildes,
Às graças da nova sabedoria?
Chuva e sol computados? Flores mais perfumadas?
A fome controlada? Uma estrela para cada cidadão,
Já que há muito mais de um quintilhão?
Oh, meu único desejo (infantil)
É que soltem a pomba da paz no novo céu.
Talvez que ali, zorra!
(Porque a vida humana é impossível)
Ela não morra.



Veja, 30 de julho de 1969

**Responda depressa:
Pra que o ser humano, que
não conseguiu resolver
nenhum dos seus problemas
de relacionamento aqui
na Terra, anda procurando
novos seres vivos no
Universo?**

Veja, 1 de agosto de 1973

MILLÔR RETIFICA, RATIFICA E REVELA VERDADES CIENTÍFICAS E HISTÓRICAS POUCO CONHECIDAS

EPIDEMIA SUÍÇA



Os cientistas suíços conseguiram, em três meses, dar cabo de uma epidemia de tifo na capital do país. O trabalho durou três meses porque, como é sabido, a Suíça é um país extremamente bem organizado. Sendo assim, jamais seria possível, ali, uma epidemia de tifo. Os cientistas, para experimentar a eficácia de sua ciência, tiveram primeiro que propagar a epidemia para então saná-la. Daí a demora.

O RISO DA HIENA



Depois de inúmeras pesquisas e incontáveis experiências, o laboratório zootécnico do Jardim Zoológico de Hamburgo chegou à conclusão de que a hiena realmente ri, mas não tem qualquer espécie de senso de humor.

O MARTÍRIO DOS GRANDES DESCOBRIDORES



Foi no ano de 1786 que o dominicano Filipe dos Santos descobriu a fermentação colorada, que transformava a borra de cana em aguardente finíssima. Porém, em vida, jamais qualquer pessoa reconheceu o valor do dominicano. Antes pelo contrário: censuravam-no e evitavam-no por andar permanentemente bêbado.

A DÚZIA PORTUGUESA



Um grande matemático austríaco, depois de estudar exaustivamente a dúzia de treze (inventada e aplicada exclusivamente em Portugal), acabou por descobrir que a referida dúzia não tem nenhum fundamento na ciência matemática.

AS INVENÇÕES PEQUENAS MAS DEFINITIVAS



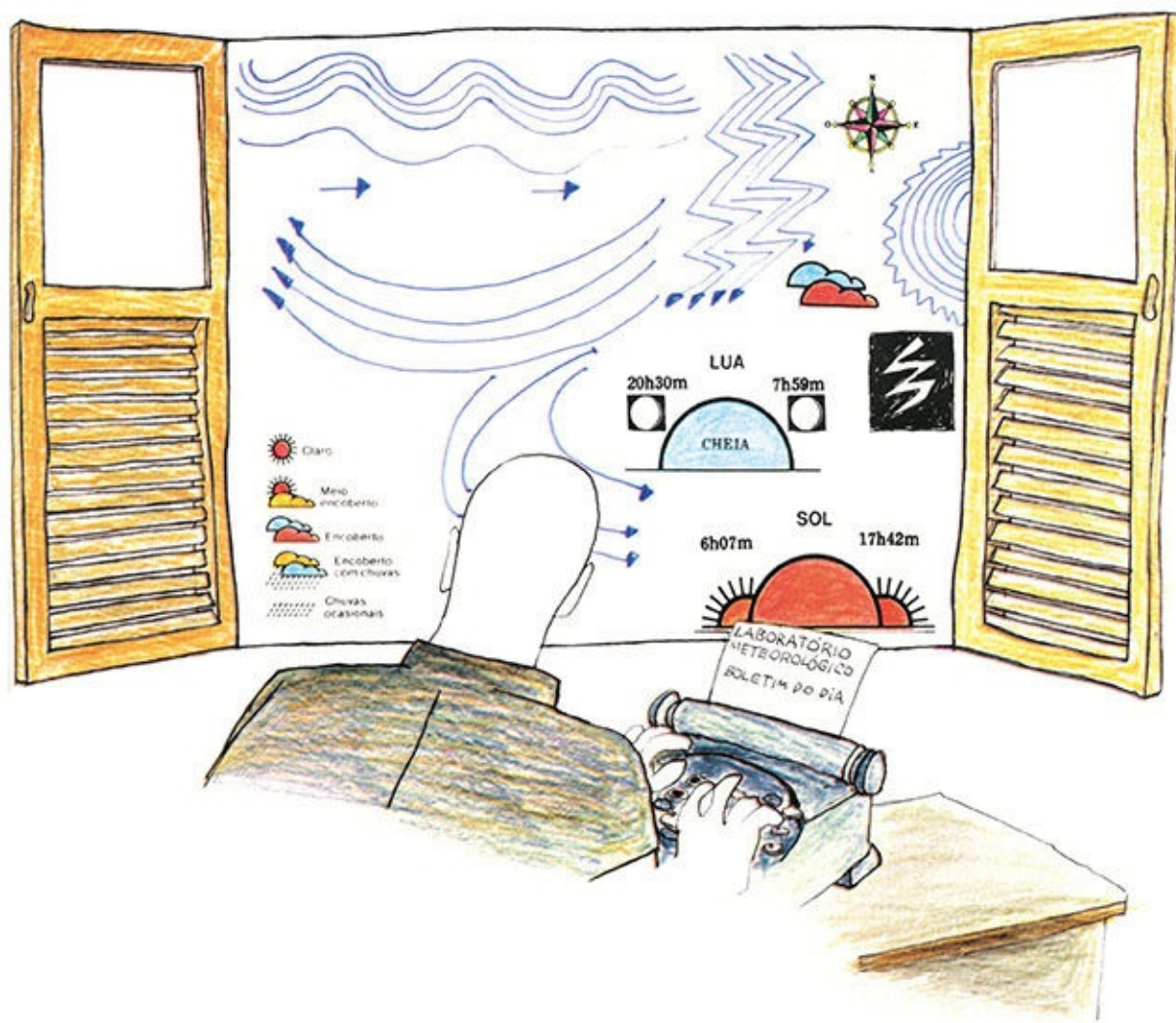
Foi aí pelos meados do século IV que Calamalota, um sábio grego, inventou uma maneira habilíssima de introduzir, no instrumento chamado **Nível**, a bolhinha de ar que o torna prático. A invenção do nível, de origem portuguesa, era sem a bolhinha.

RECONSTITUIÇÃO



A **Ágora** de Atenas (onde se reuniam grandes filósofos da Antiguidade) foi destruída, lentamente, pelos anos. Os americanos da Fundação Rockefeller pensaram em reconstruí-la do mesmo modo, mas, como isso tomava tempo, foi feita em quatro semanas.

Veja, 1 de abril de 1970



Veja, 24 de setembro de 1980

POEMINHA DE CIÊNCIA SEM PRESCIÊNCIA

Eu sou da geração
Que mais se boquiabriu
E esbugalhou os olhos,
Imbecil,
À florescência
Da ciência.
Me maravilhei com a sulfa,
A vitamina,
O transistor, o laser
E a penicilina.
Ante-televisão
Bestei com a teleobjetiva
A quarta dimensão
O quilouóti posto na locomotiva
O relógio digital
O computador e a computação
A lente helicoidal
E a radiografia.
Babei com a holografia!
Embora pró
Sou também pré-jatopropulsão
O que me torna preprojatopró,
Termo que não ocorreria
À minha vó
Tenho a vaga impressão
De que a ciência
Brochará sua invenção
Quando morrer o espanto
Da minha geração.

Veja, 19 de abril de 1978

CONCEITOS CLÁSSICOS REVISITADOS NA ERA DA INTERNET



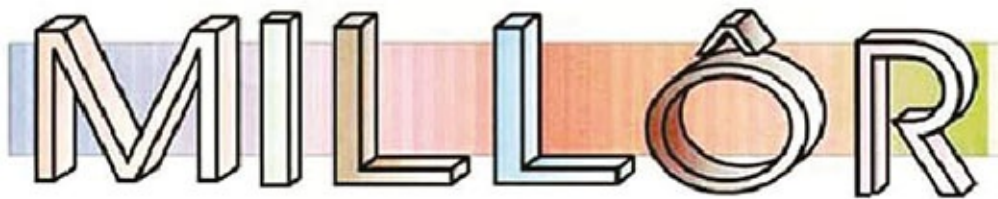
Veja, 13 de setembro de 2006

Um computador tem duas operações básicas. O *input* — tudo que entra — e o *output* — tudo que sai. O que o *input* e o *output* fazem lá dentro é todo o mistério da informática.

IstóE, 20 de setembro de 1989

**O século XX nos deu o
cinema, o telefone, o
automóvel, o avião, a
penicilina, a asa-delta, o
computador, tanta coisa
maravilhosa. Mas a maior
invenção de todos os tempos
é do século XXI, o GOOGLE. A
cultura *prêt-à-porter*.**

Veja, 17 de novembro de 2004



L.I.V.R.O.

Existe entre nós, muito utilizado, mas que vem perdendo prestígio por falta de propaganda dirigida, e comentários cultos, embora seja superior a qualquer outro meio de divulgação, educação e divertimento, um revolucionário conceito de tecnologia de informação.

Chama-se de **Local de Informações Variadas, Reutilizáveis e Ordenadas — L.I.V.R.O.**

L.I.V.R.O.que, em sua forma atual, vem sendo utilizado há mais de quinhentos anos, representa um avanço fantástico na tecnologia. Não tem fios, circuitos elétricos, nem pilhas. Não necessita ser conectado a nada, ligado a coisa alguma. É tão fácil de usar que qualquer criança pode operá-lo. Basta abri-lo!

Cada L.I.V.R.O.é formado por uma sequênciade folhas numeradas, feitas de papel (atualmente reciclável), que podem armazenar milhares, e até milhões, de informações. As páginas são unidas por um sistema chamado **lombada**, que as mantém permanentemente em sequência correta. Com recurso do **TPO — Tecnologia do Papel Opaco**— os fabricantes de L.I.V.R.O.Spodem usar as duas faces (**páginas**) da folha de papel. Isso possibilita duplicar a quantidade de dados inseridos e reduzir os custos à metade!

Especialistas dividem-se quanto aos projetos de expansão da inserção de dados em cada unidade. É que, para fazer **L.I.V.R.O.**Scom mais informações, basta usar mais **folhas**. Isso porém os torna mais grossos e mais difíceis de ser transportados, atraindo críticas dos adeptos da portabilidade do sistema, visivelmente influenciados pela nanoestupidez.

Cada página do **L.I.V.R.O.**deveser escaneada opticamente, e as informações transferidas diretamente para a CPU do usuário, no próprio cérebro, sem qualquer formatação especial. Lembramos apenas que, quanto maior e mais complexa a informação a ser absorvida, maior deverá ser a capacidade de processamento do usuário.

Vantagem imbatível do aparelho é que, quando em uso, um simples movimento de dedo permite acesso instantâneo à próxima página. E a leitura do **L.I.V.R.O.**pode ser retomada a qualquer momento, bastando abri-lo. Nunca apresenta “**ERRO FATAL DE SENHA**”, nem precisa ser **reinicializado**. Só fica estragado ou até mesmo inutilizável quando atingido por líquido. Caso caia no mar, por exemplo. Acontecimento raríssimo, que só acontece em caso de naufrágio.

O comando adicional moderno chamado **ÍNDICE REMISSIVO**, muito ajudado em sua confecção pelos computadores (**L.I.V.R.O.**se utiliza de toda tecnologia adicional), permite acessar qualquer página instantaneamente e avançar ou retroceder na busca com muita facilidade. A maioria dos modelos à venda já vem com esse **FOFO** (softer) instalado.

Um acessório opcional, o **marcador de páginas**, permite também que você acesse o **L.I.V.R.O.**exatamente no local em que o deixou na última utilização, mesmo que ele esteja fechado. A **compatibilidade** dos marcadores de página é total, permitindo que funcionem em qualquer modelo ou tipo

de **L.I.V.R.O.** sem necessidade de configuração. Todo **L.I.V.R.O.** suporta **uso simultâneo** de vários marcadores de página, caso o usuário deseje manter selecionados múltiplos trechos ao mesmo tempo. A capacidade máxima para uso de marcadores coincide com a metade do número de páginas do **L.I.V.R.O.**

Pode-se ainda **personalizar** o conteúdo do **L.I.V.R.O.**, por meio de anotações em suas margens. Para isso, deve-se utilizar um periférico de **Linguagem Apagável Portátil de Intercomunicação Simplificada — L.A.P.I.S.**

Elegante, durável e barato, **L.I.V.R.O.** vem sendo apontado como o instrumento de entretenimento e cultura do futuro, como já foi de todo o passado ocidental. São milhões de títulos e formas que anualmente programadores (editores) põem à disposição do público utilizando essa plataforma.

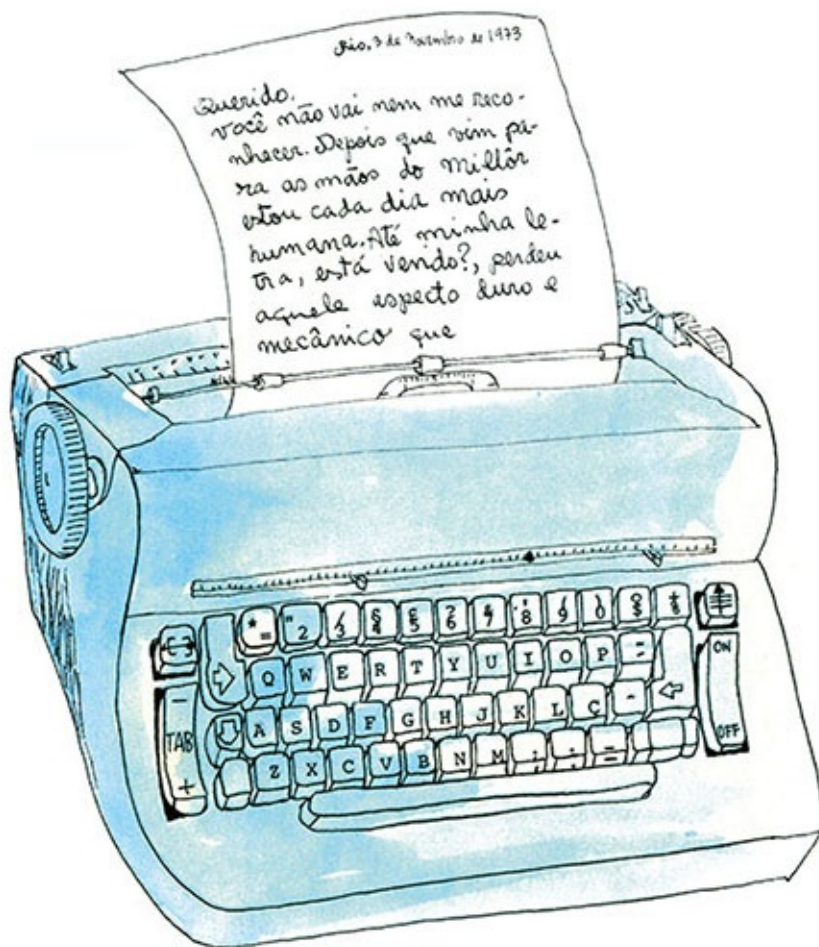
E, uma característica de suprema importância: **L.I.V.R.O.** não enguiça!



**Só com a lente dos livros se pode perceber
toda a estultícia (!) da televisão**

Veja, 6 de dezembro de 2006

Millôr e a tecnologia domada



Veja, 6 de fevereiro de 1974

POEMEU

A SUPERSTIÇÃO É IMORTAL!

Quando eu era bem menino
Tinha fadas no jardim
No porão um monstro albino
E uma bruxa bem ruim.

Cada lâmpada tinha um gênio
Que virava ano em milênio
E, coisa bem mais perversa,
Sapo em rei e vice-versa.

Tinha Ciclope, Centauro,
Autósito, Hidra e Megera,
Fênix, Grifo, Minotauro,
Magia, pasmo e quimera.

Mas aí surgiram no horizonte
Além de Custer e seus confederados
A tecnologia mastodonte
Com tecnologistas bem safados.
Esses homens da ciência me provaram
Que duendes, bruxas e omacéfalos
Eram produtos imbecis de meu encéfalo.
Nunca existiram e nunca existirão:
uma decepção!

Mas continuo inocente, acho.
Ou burro, bobo, ou borracho.
Pois toda noite eu vejo todo dia
Tudo que é estranho, raro, ou anomalia:

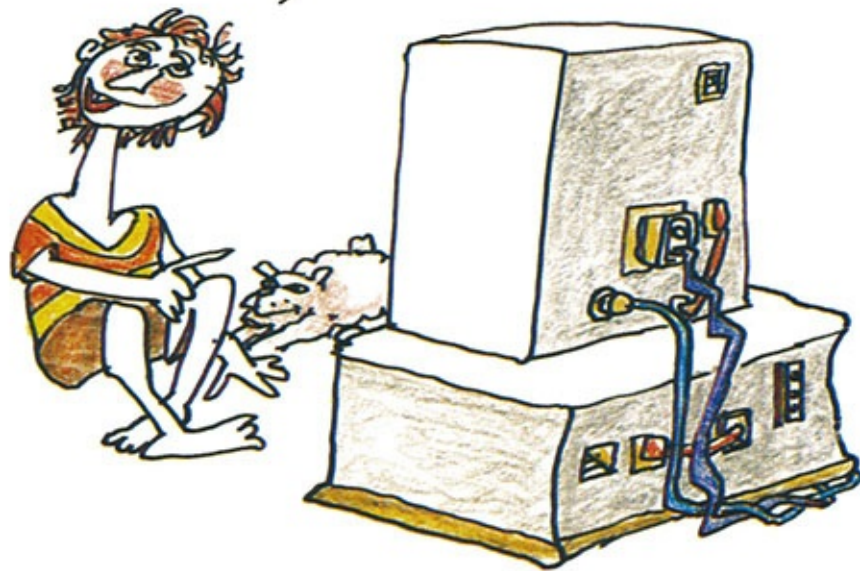
Padres sibilas
Hidras estruturalistas
Ministros gorilas
Avis raras feministas
Políticos de duas cabeças
Unicórnios marxistas
Antropólogas travessas
Mactocerontes psicanalistas
Cisnes pretos arquitetos
Economistas sereias
Democratas por decreto
E beldades feias
Que invadem a minha caverna
E me matam de aflição
Saindo da lanterna
Da televisão.



Veja, 17 de dezembro de 1980

PAIÊ, QUANDO
EU CRESCER,
EU POSSO TRABALHAR
NA MÍDIA?

EU QUERO
SER UM
GRANDE
CRETINIZADOR



IstoÉ, 26 de setembro de 1990

Millôr e
os furos no sistema

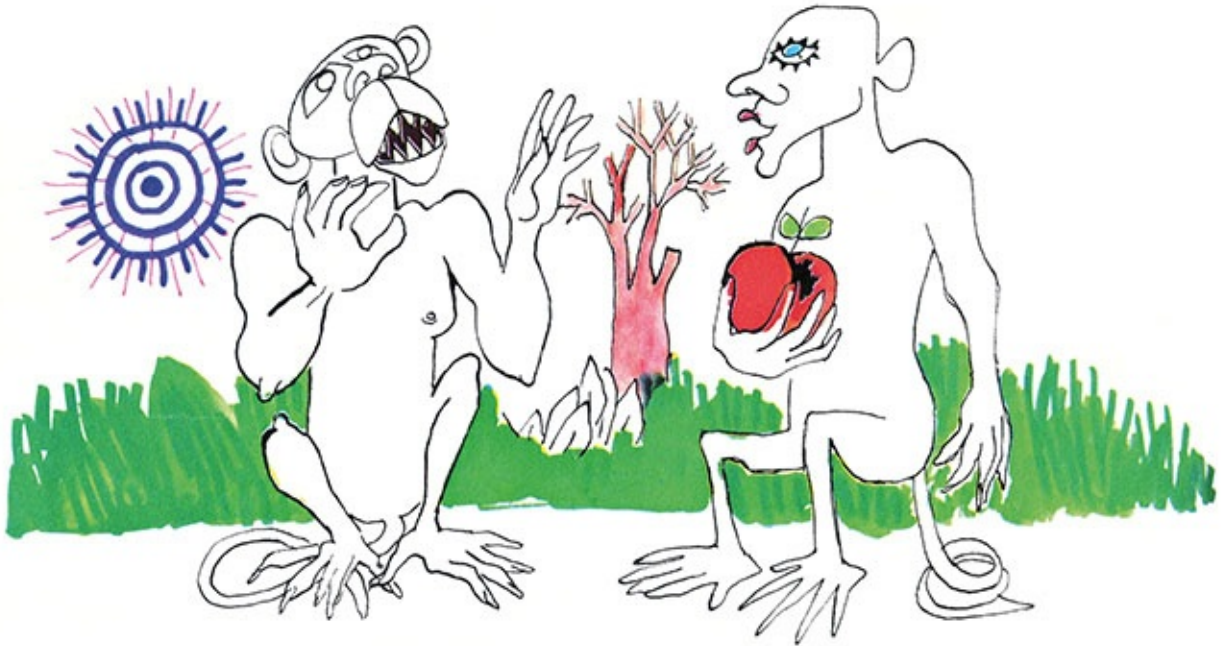


— PEDIMOS AS MAIS VEEMENTES DESCULPAS
AOS TELESPECTADORES, MAS, DEVIDO A UM
DEFEITO EM NOSSAS INSTALAÇÕES, ACA-
BAMOS DE TRANSMITIR UM PROGRAMA
CULTURAL.

Veja, 1 de novembro de 1972

A história do futuro contada agora

DEPOIS QUE A BOMBA EXPLODIU



E, de repente, catchmbooooouummm, buuummmmm, catroaummm, raaassppp, pum, puuum! A floresta toda estremeceu, aturdida, com o ronco sinistro lá longe, à distância imensa, no invisível além. Uma onda de ferro e fogo varreu tudo, calcinou tudo, destruiu tudo. E os meses se passaram.

Um ano depois, um gorilão emergiu de uma caverna bem profunda, com ar cansado e entediado, diante da desolação que se abria à sua frente. E saiu caminhando. Caminha que caminha foi dar numa outra gruta, muitos dias depois. Bateu, veio uma gorilona, bem bonita e bem catita.

— Tens aí o que comer?— perguntou o gorilão. — Estou morto de fome. O mundo foi destruído, não ficou ninguém, estou morto de fome. Não ficou mais ninguém mesmo, não é não?

— Ninguém mesmo — sorriu a monicela —, só nós dois.

— E então? — rosnou o monão. — Tem alguma coisa aí que se coma?

— Muito pouco — disse a monicela, e entrou na gruta. Voltou pouco tempo depois, trazendo na mão uma maçã. O macacão olhou o fruto e exclamou:

— Ah, não, pelo amor de Deus — uma vez chega!

Veja, 17 de junho de 1970

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORAS RESPONSÁVEIS

Janaína Senna

Maria Cristina Antonio Jeronimo

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Daniel Borges do Nascimento

REVISÃO

Vinicius Louzada

PESQUISA

Pedro Krause

PROJETO GRÁFICO DE CAPA E MIOLO

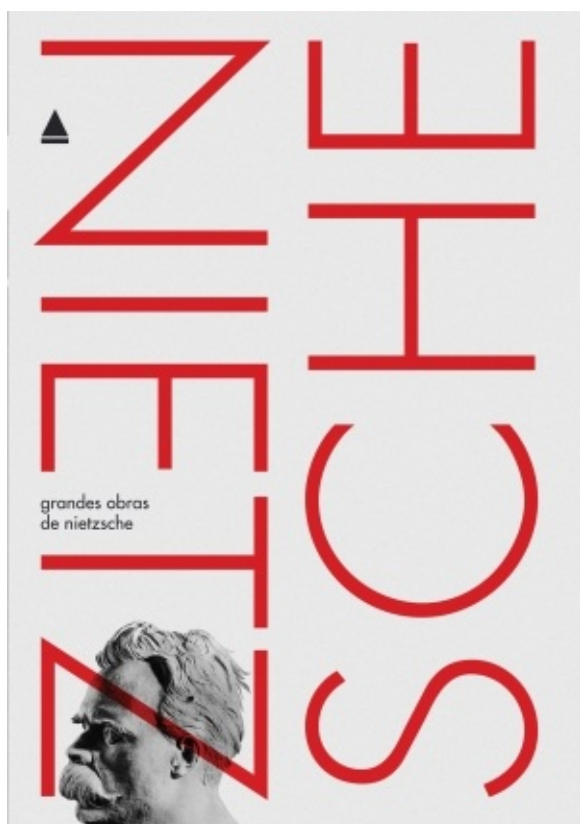
Leandro Liporage

DIAGRAMAÇÃO DE CAPA E MIOLO

Bruno Cruz

PRODUÇÃO DE EBOOK

S2 Books



Box Grandes obras de Nietzsche

Nietzsche, Friedrich

9788520937105

608 páginas

[Compre agora e leia](#)

O boxe Grandes obras de Nietzsche reúne três livros de um dos maiores filósofos do século XIX. Assim falava Zaratustra, provavelmente sua obra mais conhecida, divide-se em quatro grandes temas: o super-homem, a "morte" de Deus, a vontade de poder e o

eterno retorno. Já O anticristo apresenta uma abordagem polêmica do Cristianismo, que, para o autor, designa o poder da mentira. Fechando o box, no autobiográfico Ecce homo Nietzsche propõe um exame das suas obras e, através delas, apresenta um novo ideal humano.

[Compre agora e leia](#)



A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e

deslumbrante."Nelson RodriguesNelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

[Compre agora e leia](#)



O que é arte?

Tolstói, Leon

9788520941188

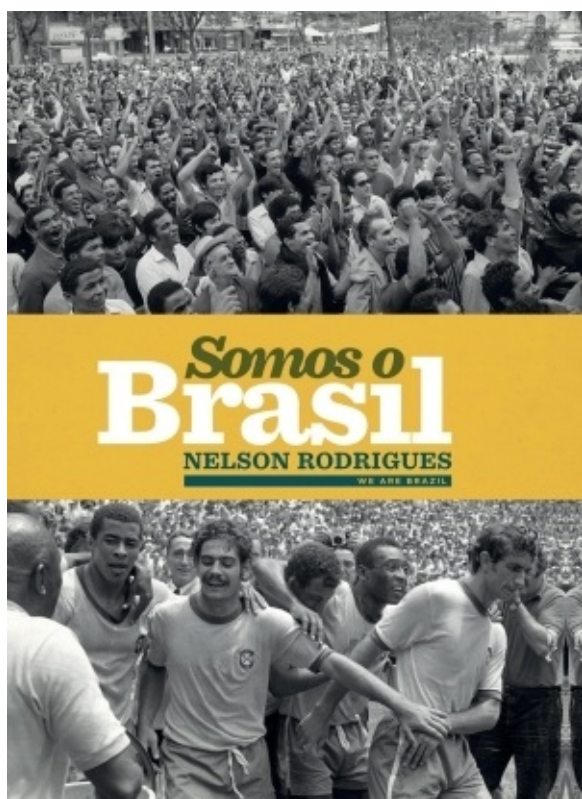
248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sucesso nos anos 2000, a Coleção Clássicos Ilustrados está ganhando nova vida pelas mãos da Nova Fronteira. Marcando esse retorno, chega às livrarias a versão repaginada de O que é arte?, que traz a

polêmica visão de Leon Tolstoi. Durante as décadas em que ficou famoso pelos clássicos Guerra e paz e Anna Karenina, Tolstoi também desfrutou de notoriedade como sábio e pregador. Escreveu vários ensaios sobre temas ligados à justiça social, à religião e à moralidade, que culminaram no livro O que é arte?. As obras de diversos artistas e mesmo seus próprios livros são duramente questionados no curso de sua apaixonada redefinição da arte como força propulsora do bem, da fraternidade, da ética e do progresso do homem. O texto é entremeado por imagens que ajudam na compreensão do que é abordado. Um clássico imperdível.

[Compre agora e leia](#)



Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu

esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!" "Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"

EDIÇÃO
BILÍNGUE /BILINGUAL EDITION

[Compre agora e leia](#)



Calibre 22

Fonseca, Rubem

9788520941355

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake,

contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certos de um autor do mais alto calibre.

[Compre agora e leia](#)